

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

GABRIEL BOLFONI GOULART

**A PANDEMIA TELEVISIONADA: COMO OS PRIMEIROS CASOS DE MORTE POR H1N1 E
COVID-19 NO RIO GRANDE DO SUL FORAM RETRATADOS PELO JORNAL DO ALMOÇO**

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

GABRIEL BOLFONI GOULART

A PANDEMIA TELEVISIONADA:

Como os Primeiros Casos de Morte Por H1n1 e Covid-19 no Rio Grande do Sul
Foram Retratados pelo Jornal do Almoço

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de graduado em jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor SIlvio Barbizan

PORTO ALEGRE

2020/2

GABRIEL BOLFONI GOULART

A PANDEMIA TELEVISIONADA:

Como os Primeiros Casos de Morte Por H1n1 e Covid-19 no Rio Grande do Sul
Foram Retratados pelo Jornal do Almoço

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito para obtenção do grau de graduado em
jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design
– Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovado em: ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Silvio Barbizan – PUC/RS

Profa. Dra. Cristiane Finger – PUC/RS

Prof. Me. Fábio Canatta – PUC/RS

PORTO ALEGRE

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente minha família, meu pai Antônio e minha mãe Miriam, os quais me apoiaram incondicionalmente nessa etapa da vida, me dando todo suporte necessário para que conseguisse chegar ao final desta faculdade.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa analisar as duas primeiras reportagens do Jornal do Almoço sobre mortes ocorridas no Rio Grande do Sul durante a pandemia de H1N1 e a COVID-19. Pesquisando se as reportagens sobre as pandemias veiculadas durante o Jornal do Almoço na época tiveram impacto na vida da sociedade gaúcha. O estudo possui uma metodologia bibliográfica com autores que sustentam a análise crítica, como: Becker (2009); Gutmann (2014); e Tondo (2009). Apresenta como base na observação, comparar as reportagens referentes às primeiras mortes de cada doença no Estado, se utilizando de seus textos e imagens. Por isso, a técnica utilizada será predominantemente a de análise de conteúdo. Concluiu-se que, houve sim mudanças, mesmo que pequenas e pontuais, no jeito que o Jornal do Almoço realizou as suas coberturas durante períodos pandêmicos. O fato da morte, que antes era apenas uma parte de uma matéria, se torna o tópico principal da reportagem na pandemia recente, ressaltando ainda mais os riscos e consequências da doença. Destaca-se que se sente a falta de uma maior diversidade de fontes e opiniões, ainda mais em horas quando as palavras dos profissionais de saúde se tornam de extrema importância para a difusão de ideias sobre prevenção contra as doenças.

Palavras-chave: Jornalismo. Pandêmica. Fontes oficiais. Informação apurada. Sensacionalismo.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the first two reports from Jornal do Almoço about deaths that occurred in Rio Grande do Sul during the H1N1 and COVID-19 pandemics. Researching if the reports about the pandemics broadcast during the Jornal do Almoço at the time had an impact on the life of society in Rio Grande do Sul. The study has a bibliographic methodology with authors who support critical analysis, such as: Becker (2009); Gutmann (2014); and Tondo (2009). It presents observation as a basis, comparing the reports referring to the first deaths of each disease in the State, using its texts and images, so the technique used will be predominantly that of content analysis. It was concluded that, yes, there were changes, even if small and punctual, in the way that Jornal do Almoço covered the news during pandemic periods. The fact that death, which was previously only part of a news, becomes the main topic in the recent pandemic, further highlighting the risks and consequences of the disease. It stands out that a greater diversity of sources and opinions is needed, especially in moments when the words of health professionals become extremely important for the dissemination of ideas on disease prevention.

Keywords: Journalism. Pandemic. Official sources. Accurate information. Sensationalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O TELEJORNALISMO	11
2.1	O TELEJORNALISMO BRASILEIRO E O JORNAL DO ALMOÇO	11
2.2	OS SEGMENTOS DO TELEJORNALISMO	16
2.3	O TEXTO EM TV	19
3	MÍDIA E SAÚDE	22
3.1	HISTÓRICO DA SAÚDE NA MÍDIA	22
3.2	ABORDAGEM JORNALÍSTICA NA SAÚDE	25
3.3	CIDADANIA E O TELEJORNALISMO	27
4	A H1N1 E A COVID-19 NO JORNAL DO ALMOÇO	30
4.1	METODOLOGIA DE PESQUISA	30
4.2	OBJETOS DE PESQUISA	34
4.2.1	Reportagem sobre primeiro óbito de H1N1 no RS	34
4.2.2	Reportagem sobre primeiro óbito da COVID-19 no RS	35
4.3	ANÁLISE QUANTITATIVA	37
4.3.1	Reportagem H1N1	37
4.3.2	Reportagem COVID-19	38
4.4	ANÁLISE QUALITATIVA	40
4.4.1	Texto	40
4.4.2	Imagem	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXO A	54
	ANEXO B	61

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende interpretar e comparar as coberturas jornalísticas realizadas pelo Jornal do Almoço, da RBS TV, durante os primeiros óbitos nas pandemias de H1N1, em 2009, e COVID-19, em 2020. Os eventos serviram de referência para identificar os modos como o principal produto jornalístico da emissora gaúcha informa o telespectador durante uma situação de crise sanitária no estado e de que forma ela se adapta ao fato para se comunicar.

As pandemias de H1N1 e COVID-19 foram as maiores a atingir o Rio Grande do Sul desde a Gripe Espanhola, em 1918, que na época matou em torno de 3.971 pessoas no Estado¹. Ambas as doenças tomaram os noticiários locais e obrigaram a imprensa gaúcha a mudar seus métodos para informar a população, desde a maneira de falar com o telespectador, que informações passar, até o jeito de captar imagens para usar nas reportagens.

Para ser capaz de causar uma pandemia, como é chamada uma epidemia em escala global, um vírus precisa conseguir se replicar em seres humanos, ser facilmente transmitido entre indivíduos da nossa espécie e causar uma doença grave.² Foi exatamente assim com o H1N1, um tipo do vírus influenza, que surgiu no interior do México após o contato de uma criança de 5 anos com porcos de uma fazenda. Com a rápida disseminação, atingiu todos os continentes e assustou a população global. Por se tratar de uma gripe, o clima frio ajudava a espalhar o vírus, o qual atingiu com força países de clima mais ameno, como a Islândia, que registrou o maior número de casos per capita no mundo, cerca de 28 a cada 1.000 pessoas. Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença matou cerca de 280 mil pessoas durante o estágio pandêmico, período entre janeiro de 2009 até agosto de 2010.

No Brasil, a pandemia chegou em 07 de maio de 2009, com 4 pessoas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que tinham recentemente viajado para Estados Unidos e México. O país foi o segundo mais afetado pela gripe

¹ A Gripe Espanhola no RS e em Porto Alegre. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/geral/2020/06/743161-a-gripe-espanhola-no-rs-e-em-porto-alegre.html#:~:text=O%20Relat%C3%B3rio%20da%20Diretoria%20de,2%2C1%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas>.

² Saiba o que é uma pandemia. Disponível em: <https://ladoaladopelavida.org.br/detalhe-noticia-ser-informacao/saiba-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20OMS%2C%20uma%20pan de mia,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa>.

no mundo durante o período entre 2009 e 2010, atrás apenas dos Estados Unidos, registrando aproximadamente 53 mil casos e 2.098 mortes³. Dentre os estados, o Rio Grande do Sul foi tido como um dos epicentros da doença no país. Se estima que houve em torno de 530 mil casos no estado, porém apenas 1.553 desses comprovados por testes de laboratório. Já no número de mortes, o Rio Grande do Sul registrou 208 durante o período, apenas atrás de São Paulo e Paraná no total⁴.

A doença conhecida como COVID-19 é causada por um tipo novo de Coronavírus. Descoberta em dezembro de 2019, na região de Wuhan, cidade chinesa com 10 milhões de habitantes, a doença causa uma síndrome respiratória aguda grave, o que pode levar a um quadro de pneumonia e a morte do paciente. Até o momento que este trabalho foi concebido, em novembro de 2020, mais de 53 milhões de pessoas haviam contraído a doença no mundo, com cerca de 1 milhão e 300 mil mortes contabilizadas. No Brasil, a doença chegou oficialmente em 26 de fevereiro de 2020, e teve definido como epicentro o estado de São Paulo, onde, até a escrita deste trabalho, mais de 40 mil pessoas já tinham falecido em consequência do vírus.

O Rio Grande do Sul, para prevenir o avanço da doença, entrou em quarentena. Com o fechamento do comércio, escolas e faculdades, restaurantes e bares, cinemas e teatro, e com a proibição de aglomerações, o Estado conseguiu se tornar um dos que menos registrou casos no país. Mesmo assim, a COVID-19 matou mais pessoas em apenas 3 meses do que no total da pandemia de H1N1, com os números aumentando à medida que esta pesquisa é desenvolvida.

Nesses dois grandes momentos na história da humanidade, o jornalismo esteve presente para documentar e informar a população. A imprensa tem papel indispensável em momentos como esse, analisando os dados, interpretando eles, orientando e esclarecendo a situação para seus leitores, ouvintes ou telespectadores. Com o jornalismo gaúcho não foi diferente. O trabalho proposto irá analisar a cobertura realizada pelo principal telejornal do Estado, o Jornal do Almoço.

No ar a 48 anos, é o principal produto da RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. O programa, que vai ao ar de segunda a sábado ao meio dia,

³ Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, a 1ª do século 21? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>.

⁴ Boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/202001/20174501-v-13-n-3-set-2011.pdf>.

sempre foi tido como referência e atualmente, mantém uma média de 20 pontos no Ibope, muito acima das outras emissoras locais, o que o consolida como um dos mais importantes meios jornalísticos do Estado.

Dito isso, a pesquisa aqui apresentada tem como proposta avaliar as formas como o Jornal do Almoço tratou as pandemias em sua cobertura. Por meio de comparação, serão analisadas as duas reportagens referentes às primeiras mortes de cada doença no Rio Grande do Sul. Dessa maneira, será possível identificar as diferenças no tratamento de cada pandemia, no modo de se realizar uma matéria e o jeito de informar a população. O uso de máscara pelo repórter ou não, o distanciamento do entrevistado, informe de medidas preventivas, entre outros.

O estudo realizado nesta monografia terá como referencial teórico autores que estudam o comportamento da mídia, além de entender como o telejornalismo se constrói e de que forma as notícias da pandemia foram veiculadas. Para isso, o autor desta pesquisa irá se basear em trabalhos de autores, como: Becker (2009); Gutmann (2014); e Tondo (2009). Esses autores sustentarão a análise crítica à imprensa durante as pandemias de H1N1 e COVID-19.

A fim de compreender a forma como o Jornal do Almoço utilizou seu espaço destinado a abordagem da H1N1 e do COVID-19, o presente estudo dedica-se, com base na observação, focar nas mensagens emitidas, por isso, a técnica utilizada será predominantemente a de análise de conteúdo. Segundo Campos (2004, p. 611): “[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, assim sendo, é destacada neste campo a importância da semântica para desenvolvimento metódico”. Para isso, as etapas da técnica serão seguidas, começando pela organização da análise com um trabalho de observação do jornal, a fim de identificar e de selecionar as matérias referidas ao tema proposto e de delimitação deste trabalho. Posteriormente, com o material selecionado, o objetivo é fazer compreensão e análise para responder questões propostas e pretendidas da pesquisa.

A presente monografia será desenvolvida em 5 capítulos, entre os quais estão incluídas a introdução e conclusão. O segundo, chamado de “O telejornalismo”, abordará as ideias do telejornalismo e seus formatos de conteúdo, além de localizar brevemente a história e contexto da televisão no estado do Rio Grande do Sul e também melhor identificar o produto televisivo do Jornal do Almoço.

No terceiro capítulo, mídia e saúde, o enfoque será no entendimento da cobertura jornalística produzida como foco na saúde e seus diversos ramos pela televisão no Brasil.

E, por fim, no quarto capítulo, a H1N1 e a COVID-19 no Jornal do Almoço, será realizada a análise da cobertura do produto televisivo durante as reportagens citadas anteriormente, referentes às primeiras mortes pelas doenças no Rio Grande do Sul.

2 O TELEJORNALISMO

Em 70 anos de presença no território brasileiro, o telejornalismo se moldou ao gosto do brasileiro, oferecendo ao seu telespectador informação de qualidade e de forma acessível para todos os que possuem um aparelho de televisão. O atrativo visual e a vontade dos que assistem de entender melhor o que se passa na sua cidade, país e no mundo fazem com que o telejornalismo esteja presente em praticamente todos os grandes acontecimentos contemporâneos. Segundo Cruz (2006, p. 21):

Por atingir os mais diversos tipos de telespectadores, o telejornalismo possui uma função social principalmente frente às camadas menos favorecidas da sociedade, as quais, em muitos casos, têm nos noticiários televisivos a sua única fonte de informação do dia.

Sendo assim, se faz imprescindível falar um pouco da história do telejornalismo no Brasil e de como ele se adapta em suas mais diversas formas para levar a informação.

2.1 O TELEJORNALISMO BRASILEIRO E O JORNAL DO ALMOÇO

Os humanos sempre tiveram a fascinação pela imagem. Desde os tempos da Grécia Antiga, com a Alegoria da Caverna escrita por Platão, onde o movimento produzido pelas sombras das pessoas hipnotizava prisioneiros em um covil a ponto de eles não conseguirem ver novas realidades para a situação deles próprios. Esse encantamento e a busca incansável por tentar reproduzir a imagem em movimento de alguma outra forma nos levou até o descobrimento de como capturar imagens no século XIX. Segundo Oliveira (2005, p. 01):

Em 1816, o francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) dava os primeiros passos no caminho do registro de imagens por meio de câmera obscura. Pesquisando um material recoberto com betume da Judéia e em uma segunda etapa com sais de prata, ele conseguiria gravar imagens em 1827.

Alguns anos mais tarde, os franceses aperfeiçoaram a técnica de Niépce, se utilizando de várias fotografias projetadas em uma velocidade constante, para causar a ilusão de movimento,

[...] em 28 de dezembro de 1895, em Paris, acontece a primeira apresentação pública de *L'arrivée du train*, organizada pelos irmãos Lumière, contendo alguns dos elementos pelos quais se pode chamar o cinema de cinema. Ou seja, foi esse o primeiro momento onde pudemos relacionar o filme e o público, produzindo esse fenômeno artístico como o conhecemos atualmente. (DELGADO, 2002, p. 131).

Foi a partir desse acontecimento que o jornalismo com imagens em movimento começa a tomar forma. Os primeiros filmes, por assim dizer, não passavam de cenas do cotidiano da sociedade da época, como pessoas nas ruas de Paris, funcionários saindo de uma fábrica e uma casa sendo demolida por operários.

Com a invenção da televisão e a chegada dela ao Brasil nos anos 50 pelo empresário Assis Chateaubriand, o telejornalismo inicia a sua mansa entrada nos lares dos brasileiros. O fator novidade traz multidões para as vitrines de lojas que exibiam os aparelhos ligados nos canais da época, ou para casa de vizinhos que tivessem condições de pagar os exorbitantes preços cobrados por cada televisor. Dessa forma, a mídia televisiva ganha os holofotes que outrora pertenciam ao rádio e jornais impressos e, aos poucos, vai se consolidando como o principal meio de informações para as famílias. Para Ramonet (1999, p. 12):

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz; Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta ideia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente.

O primeiro telejornal brasileiro estreou junto com a televisão no Brasil, em setembro de 1950, o "Imagens do Dia" exibia os principais fatos registrados pelas equipes da TV Tupi como eram captados, sem qualquer tipo de edição. O jornal não tinha tempo fixo de duração, e só acabava depois de todo material gravado ser veiculado. Mello (2009, p. 02) destaca, que no início de sua história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam muitos

detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis. Desta maneira, os principais telejornais da época adotaram este estilo jornalístico, com intuito de aproximar o ouvinte do rádio para as telas da televisão, sem ter que inventar novos formatos de entregar a notícia. Usando essa filosofia, em 1952 estreava a versão para televisão do Repórter Esso, famoso noticiário do rádio da década de 40 e que, apesar da pouca experiência de sua equipe no formato televisivo, se consolidou como principal telejornal do país.

No início, o telejornal apresentava as notícias no formato do programa de rádio que originou a sua criação. Como os profissionais não estavam ambientados com a televisão e os equipamentos para gravar e transmitir imagens boas eram raros, o telejornal não era interessante em seu começo. Isso porque era composto basicamente de textos e com poucas imagens. (MELLO, 2009, p. 04).

Estas poucas imagens demoravam para chegar ao telejornal, o que fazia frequentemente as notícias não interessarem mais aos espectadores quando finalmente passavam na televisão, os quais podiam obter informação mais rapidamente através da instantaneidade do rádio.

Com o passar do tempo, o telejornalismo foi precisando se adaptar às novas tecnologias e formatos de construção das notícias. Piccinin (2008) explica, que os americanos criaram a escola do jornalismo “clean”, asséptico, onde os mitos da imparcialidade e da objetividade são defendidos como verdades inabaláveis até hoje. As emissoras brasileiras seguiram a cartilha americana de como fazer este tipo de telejornalismo, moldando seus programas ao estilo. No começo dos anos 60, a introdução de profissionais do jornal impresso em redações de TV e a melhora na captação de imagens das notícias fez com que os telejornais consolidassem um público cada vez maior. A criação do Jornal Nacional em 1969 estabeleceu um novo padrão para o jornalismo televisivo, com altos investimentos da Rede Globo para levar a notícia o mais longe possível. Segundo Mello (2009, p. 06):

Apesar de não estar na história como a “criadora” do telejornalismo brasileiro, a Globo acabou ditando as regras de como fazer o telejornalismo. A emissora ligou o texto à imagem, e traduziu nos telejornais um formato mais interessante para o público. Nessa adequação, o fator principal foi que a emissora introduziu as modificações sem improvisos. Outro ponto fundamental para a ascensão da Rede Globo refere-se aos horários rígidos para a exibição dos seus programas.

A ditadura no Brasil fez com que as emissoras de televisão tivessem que repensar seus jornais. A censura impedia a veiculação de diversas notícias, ou as mudava constantemente. Para preencher seu espaço, o Jornal Nacional buscava frequentemente por conteúdos internacionais, por vezes deixando os acontecimentos nacionais de lado.

Para ilustrar o controle dos militares sobre a mídia nesse período, em sua primeira edição, o Jornal Nacional – considerado até hoje o principal telejornal brasileiro – colocava no ar uma entrevista do então ministro da Fazenda Delfim Neto, que, em pleno auge da repressão, deu uma palavra de tranquilidade aos brasileiros. Assim, durante os 21 anos do regime militar no Brasil (1964-1985), manifestações, como greves, agitações, conflitos e atentados, não faziam parte da pauta jornalística. (CRUZ, 2006, p 18).

Através dos avanços tecnológicos, o Jornal Nacional conseguiu chegar aos televisores do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Um feito extraordinário para época, o que levou a consolidação da Rede Globo como a principal emissora do país. Tal capacidade de entrega jornalística é reafirmada por Araújo (2014), que diz que, quando nos referimos a assuntos que dizem respeito da realidade brasileira, o telejornalismo da Globo acaba por nortear as pautas do restante da imprensa envolvida no caso, não importando o seu canal de veiculação.

Ao mesmo tempo, a televisão começava a se descentralizar e ganhar novos ares pelo restante do Brasil. Outros estados, além de Rio de Janeiro e São Paulo, começavam a ganhar emissoras próprias e com conteúdos locais. Uma das primeiras emissoras, fora deste eixo Rio-São Paulo, foi a TV Gaúcha. De propriedade de Maurício Sirotsky, a emissora do Rio Grande do Sul, inaugurada em 1962, foi a pioneira no estado. Em 1967, se associou à Rede Globo, e assim, começou a transmitir programas da emissora carioca. Logo mais, muda seu nome para RBS TV, nome do grupo ao qual faz parte.

O crescimento da Rede Brasil Sul está vinculado a determinados fatores que também foram fundamentais ao desenvolvimento da Rede Globo como a principal emissora do País. A televisão vista como um negócio, como um empreendimento comercial que deve dar lucro e ser administrado em termos profissionais, a racionalização dos processos de produção e participação ativa no momento político podem ser apontados como os principais pontos em comum que agiram como elementos impulsionadores da expansão dos dois grupos. Além disso, a criação do conceito de rede como uma forma de barateamento da programação, através da centralização da produção possibilitou a concentração de capital necessário

à constante renovação tecnológica e crescente eficácia do produto representada pelo “padrão global de qualidade” e seguido à risca pela afiliada gaúcha. (CRUZ, 1996, p. 23).

Como são parceiras, a emissora gaúcha exhibe o conteúdo gerado pela rede carioca, misturando com blocos locais de informação e entretenimento ao longo do dia. A grande audiência gerada pelo jornalismo da RBS TV faz com que o noticiário se torne o principal produto da emissora. Segundo Cruz (2006), já na década de 1970, o gênero telejornalismo ultrapassa as telenovelas em número de telespectadores. Sendo assim, houve necessidade de ampliar ainda mais a grade de horários da afiliada, com a criação de jornais fixos durante a programação. Partindo disso, se dá a criação do Bom Dia Rio Grande pela manhã, Jornal do Almoço ao meio dia e RBS Notícias pela noite.

Dentre esses, o Jornal do Almoço (JA), criado em 1972, se destacou ao alavancar um horário de baixa audiência dentro da programação. O programa quebrava a dureza imposta por telejornais como o Jornal Nacional, com informação e seus bem humorados apresentadores e comentaristas. O formato fez sucesso, e logo começou a ser usado por outras afiliadas da Rede Globo, estabelecendo o horário como sinônimo de leveza, mas ao mesmo tempo com informações necessárias para os telespectadores. Segundo Cruz (2006, p. 26), “[...] indo ao ar de segunda-feira a sábado, o JA apresenta, em suas edições, notícias vinculadas às áreas econômica, política, policial, de entretenimento e cultura”. Além disso, Hinerasky (2004, p. 34) acrescenta, que o programa “[...] também apresenta quadros e séries de reportagens especiais, entrevistas e comentaristas de política, economia e esporte”.

O telejornal atualmente conta com 1 hora de duração, do meio dia até a uma da tarde. Seus blocos variam entre notícias locais e regionais, com entradas ao vivo das principais praças da emissora pelo estado. Na apresentação do programa desde 1996, diretamente do estúdio de Porto Alegre, está Cristina Ranzolin. A bancada de comentaristas conta com: Pedro Ernesto Denardin; Paulo Germano; Giane Guerra; Tulio Milman; e Kelly Matos. Quanto aos enquadramentos e formatos de notícia, Cruz (2006, p. 28) define, que “[...] geralmente os apresentadores e os comentaristas aparecem em plano americano e primeiro plano. Além dos estáticos, os movimentos de câmera utilizam os travellings e o zoom. Não obstante às entrevistas e

reportagens – citadas anteriormente –, o JA trabalha com as notas simples e cobertas”.

2.2 OS SEGMENTOS DO TELEJORNALISMO

Desde o surgimento do telejornalismo no Brasil, os noticiários foram adquirindo novos formatos para se encaixar ao conteúdo proposto pela informação e saindo do que antes eram apenas textos lidos ou criados de improviso, em cima de imagens capturadas pelas equipes na rua. Novos modos de contar os fatos foram sendo criados e inseridos durante os noticiários até chegarmos ao que hoje temos como produto televisivo. O telespectador espera de um telejornal o suficiente para se informar sobre os principais fatos do dia, com dinamismo nas notícias e seus formatos. Segundo Schwartz (1985, p. 78):

As redes de transmissão organizam os noticiários de forma tal a garantir um maior público porque seu interesse principal é a grande audiência, que se satisfaz com apenas leves pinceladas sobre o título da notícia, e não com uma audiência mais restrita que exige um aprofundamento dos fatos.

Sendo assim, foram estabelecidos certos padrões para o funcionamento de um telejornal contemporâneo. Cada notícia tem sua relevância, e com isso, ganha o tempo e formato que se acha adequado para transmitir sua informação. Hernandes (2005, p. 164) fala sobre o começo de um telejornal:

Na escalada, todo o conteúdo mais valorizado e a própria estrutura do programa aparecem resumidos. As chamadas e sua ordem de apresentação acontecem em função do impacto afetivo, do mais tenso, violento, ou seja, das notícias negativas, com relações disfóricas (sujeitos apartados de seus objetos-valor - invasão, destruição, assassinato, corrupção) para as mais relaxadas, eufóricas, positivas (vitórias de um time de futebol, campanhas beneficentes).

É função da escalada prender o telespectador e responder para ele se vale a pena assistir ao noticiário neste dia. As manchetes são ágeis e editadas em um passo frenético, com intenção de não revelar todo o conteúdo que será exibido nem fazer com que quem assiste tenha um pensamento profundo sobre os fatos a serem exibidos.

Depois da escalada, o jornal se divide em formatos de notícia, cada um com sua devida relevância perante aos seus fatos e ao tempo do programa. O principal destes formatos é, sem dúvida, a reportagem.

Como descreve Maciel (1995, p. 60-61):

É a forma mais complexa e mais completa de apresentação da notícia na televisão. Tem texto, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados. Em geral mais longa, a reportagem incorpora todas as outras formas de apresentação da notícia em suas cinco partes básicas: 1- cabeça, 2 – off, 3 – boletim, 4- sonoras, 5 – pé. [...] O pé é um texto curto, utilizado para encerramento da reportagem. Ele é lido em quadro pelo apresentador e tem a função de fechar a matéria, fornecendo ao telespectador uma informação complementar [...].

Um telejornal pode conter várias reportagens, dependendo exclusivamente dos editores como encaixá-las durante o tempo do noticiário. Segundo Hernandez (2005), uma reportagem, o segmento mais trabalhado do programa, dura em média 2 minutos. Somente notícias consideradas muito importantes ganham ou ultrapassam esse tempo.

A nota coberta é a forma mais básica de apresentação de notícias com imagens na televisão.

Normalmente, é formada por duas partes [...]: 1 – cabeça – texto que corresponde ao lead em jornal impresso e que é lido pelo apresentador em quadro; 2- off – a narração do apresentador ou do repórter feita enquanto as imagens da notícia são exibidas na tela do televisor. (MACIEL, 1995, p. 52).

Tal formato se diferencia da reportagem por também não contar com a presença de entrevistados. As imagens estão ali para ilustrar o texto e dar um maior entendimento do fato noticiado. O outro tipo de nota, a simples, não possui imagens, tendo apenas o texto lido pelo apresentador no estúdio. Há também o formato chamado de boletim, ou stand-up, que geralmente é realizado em links ao vivo durante o jornal.

Maciel (1995) define o boletim:

É a notícia de televisão completa, apresentada e sustentada pelo repórter. Durante toda a narrativa, que está sendo transmitida para o telespectador, o repórter fica em quadro. Durante o boletim, a câmera pode fazer um passeio para mostrar o que o repórter está narrando ou abrir em um entrevistado, se houver sonora. Esse tipo de apresentação de notícias costuma ser muito usado pelos jornalistas que trabalham em Brasília [...] onde a maior parte das notícias se desenvolve em gabinetes, locais pobres em imagens para a

televisão. O repórter que vai apresentar o boletim costuma ser chamado do estúdio pelo apresentador do telejornal.

O fato noticioso passa por um critério editorial para ser definido em que tipo de formato será encaixado. Além disso, fatores como proximidade, geográfica ou emocional, também podem ditar o editorial. Outro fator importante é o técnico, quando não há a possibilidade de deslocar uma equipe de reportagem para o local do acontecimento, sendo necessário contar com imagens e relatos cedidos por fontes.

Nessa perspectiva os acontecimentos que interessam a televisão, e que teriam maior probabilidade portanto de se converter em notícia, seriam aqueles que se afastam da norma e/ou que se situam para além dela. Os fatos inesperados, especialmente aqueles que ocorrem no “tempo presente”, também teriam os atributos de uma notícia televisiva. (COUTINHO, 2003, p. 4).

Apesar de serem os formatos básicos de uma notícia de telejornal, esses não são os únicos a serem utilizados. Os indicadores, um espaço para se mostrar gráficos e afins, também se fazem presente em forma de previsão do tempo ou de índices econômicos que interessem à população. Os comentários de especialistas em determinados assuntos têm bastante espaço nos telejornais, onde podem imprimir suas opiniões sobre assuntos que dominam, tais como: esportes; economia; política; e outros. Entrevistas também podem ser realizadas no estúdio, com apresentador e comentaristas fazendo perguntas a um convidado com o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público.

É possível também ver, com certa frequência, o uso da crônica, que é quando o repórter se utiliza de um texto mais literário do que, de fato, noticioso. Dessa forma, o jornalista traz uma leveza para a sua reportagem, saindo dos padrões de texto do jornalismo padrão. Para Maciel (1995):

[...] a crônica é um gênero opinativo que, mesmo que remeta a um acontecimento da realidade, vai além da simples avaliação jornalística do real. Mediante um estilo mais livre, de uma visão pessoal, o cronista projeta para a audiência a visão lírica ou irônica que tem do detalhe de algum acontecimento ou questão.

A ajuda desses formatos padronizados faz o telejornalismo ficar de fácil assimilação para a grande maioria dos telespectadores, os quais conseguem entender as informações passadas e absorver as que mais precisam.

2.3 O TEXTO EM TV

O ato de relatar ou contar algo é a base para a reportagem. Para Barbeiro e Lima (2005), o objetivo sempre é contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta. O gestual, verbal, visual e sonoro compõe uma identidade própria e que tenta se aproximar da realidade do mundo dos telespectadores. Se junta a esses fatos o fator imagético, principal diferencial do telejornalismo, onde a possibilidade de ver a notícia se desenrolar com imagens em movimento faz com que quem as assiste se sinta mais perto do fato.

Esse afluxo de linguagens, cada uma com seu plano de expressão, que pressupõe um plano de conteúdo, convergem para efeitos de sentido espetaculares. A imagem em movimento (kínesis) e os recursos da cinética produzem o efeito de realidade, mimesis do mundo natural, que conferem ao produto final veracidade, impacto e autenticidade. (DINIZ *et al.* 2005, p. 4).

Com isso, as distâncias que antes impediam o telespectador de experienciar parte de um acontecimento, mesmo que fisicamente muito distante, encurtam. Para auxiliar o visual, o texto se faz presente de forma inseparável neste momento. É ele que dá o sentido e contextualiza a notícia, levando a informação em sua forma falada. Essa oralidade faz com que o telespectador crie simpatia com o emissor. De acordo com Bahia (1990):

Não é difícil reconhecer que o texto no telejornal é diferente do texto na imprensa e no rádio em função da estrutura do movimento, da instantaneidade, da testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade, próprios da TV.

Charaudeau (1997) define, que informar é transmitir um saber a quem não o possui. Portanto, depende de o emissor estabelecer a quais grupos e se quer transmitir uma notícia, estabelecendo um público-alvo, assim produzindo conteúdo que os interessem e que tenha aceite mercadológico.

E, [...] o que caracteriza o “grande número” é uma heterogeneidade qualitativa – no caso das televisões abertas –, nesse grupo encontram-se pessoas com níveis de esclarecimento diferentes, motivo pelo qual a informação terá talvez, para alguns, um teor mais forte do que para outros. (CHARAUDEAU, 1997 *apud* DINIZ *et al.*, 2005, p. 6).

Sendo o texto produzido pelo emissor, há sempre de ressaltar que interferências na criação do texto poderão ocorrer. Segundo Diniz (2005), ao selecionar notícias e ao produzir a matéria – compreendendo todas as fases do processo de produção da notícia –, valores são inferidos, interpretações direcionadas, efeitos esperados. Assim, o texto telejornalístico conversa com quem ele realmente se destina, se adaptando ao editorial proposto pelo veículo. Tal como os outros tipos de mídias jornalísticas, o telejornalismo também se faz do uso do “lead” para suas reportagens.

O lide é abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê. [...] Graficamente, recomenda-se que o lead tenha no máximo 4 a 5 linhas de 70 toques. [...] o lead deve ser objetivo, completo, simples e, de preferência, redigido na ordem direta. (MARTINS, 1997, p.154).

O jornalista de televisão tem como vantagem poder se utilizar das imagens para auxiliar seu texto, as quais guiam a estrutura narrativa dos acontecimentos na matéria. Essa estrutura se constrói em três unidades básicas, e que não dependem de ordem de aparição exata, para qualquer reportagem televisiva: off (o texto em si, que é falado pelo repórter); sonora (a entrevista); e o boletim. Sobre o boletim, Emerim (2010, p. 9-10) diz:

Condiciona-se que uma boa reportagem não precisa da aparição do repórter no boletim, assim, este só deve ser usado em situações específicas, ou seja, quando não existe outro modo de dar aquela informação. Na prática profissional e no ensino de telejornalismo costuma-se indicar aos iniciantes que a escolha do uso ou não do boletim está condicionado à seguinte pergunta: o que está sendo dito não pode ser usado em off? Se a resposta for sim, o editor provavelmente cortará o boletim e o transformará em off. Se não, é porque o boletim é necessário e deve fazer parte da reportagem.

O papel do texto é auxiliar a imagem captada, mostrando o que se passou. Para isso, o escrito precisa ser breve, não descritivo, com parágrafos e frases curtas, com uma linguagem coloquial de fácil entendimento e sem gírias ou frases de efeito, as quais podem desmantelar o sentido dos fatos. Também se vê a importância de ter

um ritmo pausado na fala do repórter. Para Emerim (2010), o texto na televisão deve ser entendido de primeira, porque o telespectador não pode voltar atrás para entender melhor, por isso é preciso nunca esquecer que o texto da reportagem televisiva é escrito para ser falado.

3 MÍDIA E SAÚDE

Os avanços tecnológicos tanto no ramo da saúde quanto no da informação, levou a humanidade a estar cada dia mais por dentro dos acontecimentos que podem mudar o percurso da vida de todos. O surgimento de novas doenças, suas consequências e suas curas, todas são levadas pela mídia aos mais diversos cantos do planeta. Os produtores do telejornalismo entendem a importância destes fatos, e garante acesso à essas informações de forma simplificada para que todos possam entender. Segundo Xavier (2006), comparando a outras mídias, a TV tem maior impacto e abrangência na construção de imaginários sociais da população brasileira, ou seja, se torna papel fundamental da televisão difundir ideias sobre saúde pública para a população.

3.1 HISTÓRICO DA SAÚDE NA MÍDIA

O ser humano tem como principal instinto a sobrevivência. Desde cedo, somos postos à prova por doenças que nos rodeiam e com as quais batalhamos desde os primórdios da sociedade. Com o lento caminhar da medicina ao nosso lado, tentamos ao máximo erradicar as mais diversas enfermidades. E não é exagero afirmar que a mídia como um todo, seja jornais impressos, rádios, web ou telejornais, têm um papel importantíssimo para a disseminação de informações sobre conteúdos relacionados à medicina e tais doenças. Segundo Azevedo (2009, p. 3), “[...] a história do jornalismo de saúde, no entanto, confunde-se com a própria história do jornalismo”. No século XIX, as ciências começam a ter alguma relevância no contexto social. Dessa forma, o jornalismo exerce papel fundamental em mostrar ao público a realidade e a letalidade das mais diversas mazelas.

Logo após sair da Primeira Guerra Mundial, o mundo foi assolado por um grave evento de saúde pública. A pandemia de Gripe Espanhola que, em 1918, teria posto de cama entre 80 e 90% da população mundial da época e matado cerca de 20 milhões de pessoas em todo o planeta (BERTUCCI, 2004, p. 28). No Brasil, deixou como símbolo a morte do presidente da república da época, Rodrigo Alves. O jornalismo se viu obrigado a criar um novo jeito de reportar perante a situação.

Tal “pioneirismo”, no entanto, não deve ser interpretado como o citado por Oliveira (2005, p. 32), que já se apresenta como um jornalismo

especializado e que começa a surgir na segunda metade do século XIX, representado por revistas temáticas como a Revista do Observatório, publicada pelo Imperial Observatório do Rio de Janeiro, em 1886. O pioneirismo, em 1918, deve-se mais à necessidade de informação causada pelo medo. Essas linhas precursoras do jornalismo científico brasileiro foram escritas tendo como pano de fundo o movimento sanitarista, que havia chegado ao Brasil no início do século XX. O meio ambiente, então, era visto como a causa das doenças. Por todo o país, os departamentos de higiene pública passam a perseguir um ideal de limpeza do ar, da terra e da água como forma de combater epidemias. (FARIAS, 2006).

Com o passar dos anos, há o entendimento que o jornalismo de saúde faz parte do cotidiano das pessoas. Falar sobre doenças virou rotina, com a criação de espaços dedicados a tal nos diversos tipos de meio. Nunca houve tantas e tão variadas tecnologias e suportes de comunicação, nunca houve tamanha circulação de conteúdos, nunca houve tanta informação sobre saúde disponível nas mídias. (XAVIER, 20003, p. 46). Tais informações passam do campo do jornalismo apenas, passando a divulgar o que há de ciência e tecnologia atualmente sendo desenvolvido.

Na década de 1980, a explosão de casos de AIDS no mundo levou o jornalismo a mais uma cobertura importante. A doença sexualmente transmissível se tornou uma das maiores preocupações de governos mundo afora, que ainda não tinham exatamente uma definição de como ela se comportava. Segundo o pesquisador Kenneth Rochel de Camargo Jr. (1994), o que estava em jogo não era simplesmente uma corrida pela descoberta das causas, métodos preventivos e possíveis curas, mas também uma corrida para saber quem melhor definiria o que era a AIDS. Neste momento, o jornalismo assume papel crucial para levar à um público massificado, e muitas vezes sem conhecimento técnico, informações sobre os avanços da medicina na área, sobretudo com o que acontecia por trás das cortinas nos governos e hospitais.

Não é difícil perceber, portanto, que como acontecimento, a Aids tem historicamente acionado uma diversa e complexa rede de inteligibilidades, colocando-a como exemplo particularmente produtivo para reflexões sobre os modos como a tessitura narrativa jornalística deve se haver com temáticas que lhe problematizam determinados modos mais tradicionais de dar a ver ao público as ocorrências sociais cotidianamente produzidas. Desde o início, foi possível identificar a Aids como acontecimento marcado por constantes rearticulações de sentido, estas também acionadas pelo jornalismo para conferir a ela interpretações. (CARVALHO, 2012, p. 107).

No entanto, a parte sensacionalista da mídia foi grande responsável por criar polêmicas ao afirmar que a AIDS teria preferência ao ocorrer geralmente em homens homossexuais. Tais asserções criaram a alcunha para a doença de “peste gay”, assim aumentando a já existente homofobia da sociedade da época.

Porém, há de se entender que a notícia perde sua força com a repetição dos fatos. O fato de a doença já ter sido estudada e métodos de prevenção criados, solidificam este distanciamento do fator novidade quando algo relacionado a ela chega aos noticiários. Como define Traquina (2005), ao classificar a cobertura noticiosa sobre a síndrome como tipicamente de rotina, entendendo pelo termo o noticiar de acontecimentos que não se apresentam mais como novidade, tal como os acidentes de trânsito, as movimentações dos mundos econômico ou cultural. Assim, a AIDS foi dando espaço para outros tópicos vinculados à saúde da sociedade, criando um nicho mercadológico novo que começou a ganhar maior destaque na programação dos telejornais brasileiros. As emissoras de televisão, então, viram a oportunidade de transformar o assunto em uma nova forma de conteúdo para sua grade de programação.

As tentativas de apropriação do conceito de saúde obedecem a uma finalidade quase única: a comercialização. O conceito de saúde, não se demorou muito a perceber, é sempre lucrativo, em diversos graus. Uma das ideias mais fortes acerca da saúde na TV está firmemente vinculada ao fato de que a principal relação é a de compra e venda, isto é, de que é possível – e necessário, e natural – comprar e vender saúde. Esse aspecto é mais visível, sobretudo, nos programas que envolvem merchandising e marketing, nos quais saúde é relacionada a produtos de beleza, esportes e alimentação. Nesse sentido, ‘saúde’ tem forte apelo de venda, e torna-se a mercadoria intangível embutida nos produtos tangíveis. Esse artifício é também visível na venda direta de medicamentos e serviços de saúde, notadamente planos de saúde, mas está presente em várias outras dimensões das ‘grades’ televisivas, como novelas, shows humorísticos e programas de variedades voltados para os públicos femininos. (XAVIER, 2003, p. 50-51).

No Rio Grande do Sul, a RBS TV sempre utilizou de seu jornalismo para dar ênfase ao assunto saúde. O Jornal do Almoço, segundo Pereira *et al.* (2011, p. 3) cumpre seu papel de mediador da opinião pública. A tematização gira em torno dos acontecimentos que constroem a realidade gaúcha: [...] a saúde pública é destacada com o quadro SOS Saúde, onde pacientes denunciam o descaso e o caos do Sistema Único de Saúde (SUS).

3.2 ABORDAGEM JORNALÍSTICA NA SAÚDE

Quando falamos de jornalismo, sempre buscamos pensar o que torna um fato em notícia. Quais os valores que um acontecimento precisa ter para gerar interesse dos veículos e fazer com que eles corram atrás de transmitir tal episódio. Para Santana (2013, p. 29):

Sobre o “valor notícia” Traquina (2008) afirma que a primeira tentativa de identificar, de forma sistemática os valores-notícia interpretados pela comunidade jornalística em seu trabalho foi em um estudo de Galtung (1965) e Ruge (1993). Eles enumeraram doze valores-notícia para responder a pergunta: como os acontecimentos se tornam notícia? Os valores-notícia que respondem a pergunta são: 1) frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) amplitude do evento; 3) clareza, ou falta de ambiguidade; 4) significância; 5) consonância, a facilidade de inserir o novo numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com diversidade de assuntos abordados; 9) referência a nações de elite; 10) referência a pessoas de elite; 11) a personalização, ou seja, referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, segunda a máxima “bad news, good news”.

Temos também que avaliar o que é a saúde em si, e como as pessoas a percebem no âmbito cultural e social, sempre dentro de seus devidos contextos.

Para o autor Fernando Lefèvre (1999) é difícil definir o que é saúde. Ele explica que o termo saúde só passa a ter definição a partir da doença, ou mal estar. Para o autor o sentido de saúde e de doença na sociedade é repassado através do medicamento e que esse sentido nos chega através de informações, ideias, valores, mas também de experiências sensações concretas com as que são propiciadas pelo consumo de medicamentos. O autor diz ainda que saúde sem doença não faz sentido. E nos leva a refletir sobre o que ele chama de saúde mercantilizada na medida em que se insere em uma sociedade de consumo, ensinada, praticada e financiada para o doente consumidor e não para a doença. (LEFÈVRE, 1999, *apud* SANTANA, 2013).

Partindo desses preceitos, o telejornalismo voltado para a saúde tenta responder tais perguntas de duas maneiras. O primeiro pode ser definido como o modo factual, que busca mostrar quase sempre problemas como os causados diariamente por não haver um trabalho governamental no bem-estar da população.

Nesse aspecto é importante destacar que, ao abordar o assunto, Park (1972) dedica atenção especial à relação entre a notícia (matérias jornalísticas) e o interesse público. O autor afirma que não haveria notícia se não houvesse por parte dos sujeitos o interesse em saber o que se passa a

sua volta, com os outros, com a sua cidade, com o seu país, o mundo. É essa curiosidade que justifica tanto a produção de notícias como relatos sobre o que há de novo. (PARK, 1972 *apud* SANTANA, 2013).

O segundo pode-se chamar de jornalismo comunitário, o qual segundo Santana (2013) é a saúde com práticas e abordagens diferenciada, muito mais preventiva que curativa ligada à adoção de hábitos saudáveis que podem melhorar o dia a dia do cidadão. Neste caso, o jornalismo feito, ainda que não exatamente o que o telespectador costuma ver em noticiários, também deve passar os mesmos valores do que o factual, ou seja, a verdade, objetividade e imparcialidade.

A televisão e seus programas enquanto integrantes da Indústria de Conteúdos têm (ou deveria ter) como parte de suas responsabilidades sociais, mas também como estratégia que garanta um aporte social e econômico essencial para a sua sobrevivência, oferecer ao indivíduo informações que possam resultar em uma melhor qualidade de vida e consequentemente promover a saúde. Essa relação se fortalece porque as mídias, elementos definidores da Indústria de Conteúdos e particularmente do jornalismo, se estabelecem no imaginário social como empresas “prestadoras de serviços”, e cujos conteúdos atendem a necessidades objetivas dos seus consumidores/receptores. (SANTANA *et al.*, 2014, p. 44).

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a televisão é baseada em um sistema que visa muito além da informação à sociedade. As emissoras buscam manter a sua balança comercial positiva, adaptando às mudanças de interesses de seus telespectadores. Assuntos de maior destaque podem sobressair outros que não criam tanto apelo, ou que não tenham tamanha relevância no momento. Apesar disso, uma doença não estar em evidência nos noticiários não significa que ela tenha sido erradicada ou que se tornou menos perigosa.

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônomo, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos enquanto estrutura. (BOURDIEU, 1997, p. 77).

Sendo assim, é possível afirmar que a relação da comunicação com o estar saudável da comunidade em geral se faz presente principalmente em relação às doenças e suas prevenções. Faz parte da cultura brasileira a busca pelo salutar, seja com receitas caseiras de remédios ou dicas de como evitar algum mal. Segundo Santana (2014):

Existe de maneira geral uma valorização do tema saúde e qualidade de vida, mas não há um formato ideal para a abordagem do assunto. [...] mas existe também uma pressão pela audiência e ainda uma fórmula simplória nem sempre atraente de abordar o assunto o que acaba prejudicando o interesse do telespectador.

As emissoras seguem esta tendência e se adaptam ao gosto dos seus telespectadores por este tema, seguindo os padrões mercadológicos criados para tal assunto. Para Azevedo (2009):

Quanto mais expostos estiverem o leitor, o ouvinte ou o telespectador a um tema que o afeta, mais sujeitos estarão a tomar atitudes com base nas informações recebidas. Ocorre na cobertura de saúde o mesmo que acontece nos demais campos do jornalismo: a inclusão de certos temas e a exclusão de outros, colocando em evidência determinadas doenças e políticas públicas em detrimento de outras.

O telejornalismo cumpre seu papel de responsabilidade social ao oferecer ao cidadão informações que geram uma melhor qualidade de vida para ele, mas assim também garante seu papel perante a emissora de gerar lucro e retornar o investimento. Santana (2014) diz, que essa relação se fortalece porque as mídias [...] se estabelecem no imaginário social como empresas “prestadoras de serviços”, e cujos conteúdos atendem a necessidades objetivas dos seus consumidores/receptores.

3.3 CIDADANIA E O TELEJORNALISMO

Para começar, precisamos ter uma melhor definição do que é cidadania e de que como ela se mescla com o jornalismo. Em seu significado básico, se pode dizer que a cidadania é a prática dos direitos e deveres de um indivíduo em um Estado. Os direitos e deveres de uma pessoa estão unidos em um só sentido.

O alicerce sobre o qual se assentam as formas de cidadania trata-se da necessidade, nas sociedades pós-industriais, de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual se reconheçam e que os faça se sentir pertencentes a elas, porque é evidente que esse tipo de sociedade sofre de uma falta de adesão por parte dos cidadãos ao conjunto da comunidade e, sem essa adesão é impossível responder conjuntamente aos desafios que se apresentam a todos. (CORTINA, 2005, p. 26).

Para Marshall (1997) é o desejo de compartilhar que estabelece a comunicação. Este é o princípio básico do jornalismo, o qual se baseia em informar o cidadão dos fatos e acontecimentos. Assim, o ato de reportar vem a ser o elo entre a sociedade, o jornalista e o sentimento de pertencimento dentro de uma comunidade maior. Dentro disso, a saúde é um tema que permeia tais indivíduos, o telejornalismo entra nesta mistura partindo do preceito que ela tem poder para promover a cidadania da forma que melhor lhe caber. Assim, seu telespectador pode tirar proveito das informações repassadas para ter uma qualidade de vida mais favorável ao seu contexto.

Ao levar para televisão informações sobre saúde que seriam de difícil acesso à uma população sem recursos financeiros para as obtê-las, o telejornalismo cumpre seu papel social. Para Santana (2013), a comunicação se torna fundamental nesse processo de informação e formação do cidadão. Desta forma destacamos o papel da comunicação do ponto de vista da criação de um vínculo com a comunidade.

Ora, saúde é um direito do cidadão assegurado na constituição brasileira e sendo assim um tema de interesse geral independente da classe social. Nesse caso a participação no programa de TV é algo que é oferecido. Não existe aqui a figura do Estado assegurando ao cidadão o direito de participação nos telejornais. Também não existe o dever de participar. É algo que está relacionado à identificação do indivíduo com o assunto, com o grupo. (SANTANA, 2013, p. 57).

Portanto, o telejornalismo vê seu potencial altamente explorado neste quesito e incumbido de realizar um papel social pertencente a outros poderes. O jornalista acredita que é obrigação dele servir o telespectador com informações sobre prevenção, situações de risco e retratos de doenças. Para Azevedo (2009) um dos motivos da tendência para os *hard news* da saúde pode residir na noção de alguns jornalistas de que uma das funções do jornalismo de saúde é promover a saúde através da notícia, ou seja, indicar o que se deve ou não fazer para ter mais saúde ou, ainda, curar ou evitar uma doença. Utilizando do seu poder midiático, o telejornalismo influencia seu público e faz com que ele perceba, através da grande quantidade de informações sobre determinado tema na área da saúde, os riscos que corre.

Tal podemos inferir para as notícias de saúde. Quanto mais expostos estiverem o leitor, o ouvinte ou o telespectador a um tema que o afeta, mais sujeitos estarão a tomar atitudes com base nas informações recebidas.

Ocorre na cobertura de saúde o mesmo que acontece nos demais campos do jornalismo: a inclusão de certos temas e a exclusão de outros, colocando em evidência determinadas doenças e políticas públicas em detrimento de outras. (AZEVEDO, 2009, p. 15).

Há de se perceber certo uso da teoria do agendamento neste tópico, a qual diz que a mídia dita e conduz o que seus leitores - aqui no caso, os telespectadores - vão falar; pensar; e discutir sobre. Ao condicionar sua audiência para certo assunto, a televisão acaba por construir sua realidade, direcionando o foco para o que o veículo considera importante no momento.

Portanto, dependendo da mídia, sofreremos sua influência, não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda. (HOHLFELDT, 1997, p. 45).

Antes de se olhar com aspecto negativo para tal ideia, é importante ressaltar a importância das questões de saúde e como elas sim devem ser convertidas em informações de fácil acesso ao público em geral.

A sociedade [...] oferece ao cidadão através de um veículo de comunicação, a televisão, a oportunidade de acesso à informação em um programa jornalístico que aborda a saúde enquanto qualidade de vida e ao profissional que trabalha no veículo de comunicação a possibilidade de intervir na formação desse cidadão, influenciando na qualidade de vida de um indivíduo, de uma família, de uma comunidade. (SANTANA, 2013, p. 56).

4 A H1N1 E A COVID-19 NO JORNAL DO ALMOÇO

Com intuito de entender melhor como o Jornal do Almoço abordou as duas pandemias analisadas neste estudo, se fez buscar por formas em que pudessem ser comparadas as duas coberturas. Desta forma, foi delimitado um espaço de tempo que compreendesse características essenciais de uma cobertura com temas de saúde pública. Assim, foram escolhidas duas reportagens que abrangem tais conteúdos, ambas falando sobre as primeiras mortes causadas por cada pandemia no Rio Grande do Sul. As matérias compreendem aspectos de relevância para a época em que foram produzidas, seja nos textos de cada uma ou nas imagens captadas para elas.

4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

A fim de compreender a forma como o Jornal do Almoço utilizou seu espaço destinado à abordagem da H1N1 e do COVID-19, o presente estudo dedica-se, com base na observação, comparar as reportagens referentes às primeiras mortes de cada doença no Estado, utilizando de seus textos e imagens. Por isso, a técnica utilizada será predominantemente a de análise de conteúdo. Segundo Campos (2004, p. 611), “[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, assim sendo, é destacada neste campo a importância da semântica para desenvolvimento metódico”. Para isso, as etapas da técnica serão seguidas, começando pela organização da análise com um trabalho de observação do jornal, a fim de identificar e de selecionar as matérias referidas ao tema proposto e de delimitação deste trabalho.

A análise de conteúdo é aplicada em pesquisas que querem descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Moraes (1999) diz que essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Sendo assim, tal tipo de análise se faz uma ótima opção perante o trabalho aqui pretendido. Tendo delimitado que serão estudadas duas reportagens do Jornal do Almoço: uma referente à primeira morte de H1N1 no Rio Grande do Sul; e outra sobre a mesma

situação na pandemia de COVID-19, a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa serão essenciais para a diferenciação de cada uma das matérias.

A análise quantitativa se dá perante a definição dos dados e os procedimentos específicos para os objetos a serem estudados. Assim, há a tendência de os dados analisados serem catalogados por base em sua frequência dentro do contexto delimitado. Para Rossi *et al.* (2014, p. 40): “[...] análises referentes ao que o texto diz lidam com descrição visível e componentes óbvios referem-se a conteúdos manifestos que são contáveis, uma abordagem quantitativa de análise de conteúdo”.

No âmbito da análise de conteúdo quantitativa, serão observadas as questões relacionadas primeiramente ao texto do repórter, analisando possíveis repetições de palavras, tais como quando se referem às prevenções, sintomas e afins, além de principais tópicos da notícia. Sendo assim, há uma melhor visão do que o repórter quer passar em seu texto para realizar a análise quantitativa das reportagens, este estudo determinou palavras-chave para serem observadas nas duas matérias. Esses vocábulos, quando repetidos ou mesmo não usados, podem revelar o tom de uma reportagem. Assim, podemos entender melhor se a matéria foi escrita com um viés mais sensacionalista ou mais sério, dando real importância para o fato. Dessa forma, se fez a seleção de palavras que seriam facilmente encontradas em ambos os conteúdos e que fossem de grande relevância para o tema estudado. As palavras-chave escolhidas foram:

- a) Prevenção;
- b) Isolamento;
- c) Morte;
- d) Medida;
- e) Sintoma;
- f) Doença;
- g) Casos.

A análise de conteúdo em sua etapa qualitativa parte para uma observação do sentido simbólico atribuído a algo, que nem sempre é manifestado com total clareza ou que tenha um significado único. Tal análise pode acabar resultando em algumas perspectivas, tais como: o autor do texto ter o mesmo entendimento do objeto que o leitor; o leitor achar um significado novo para o objeto; o autor emite

uma mensagem diferente para cada leitor; ou que nem mesmo o autor entenda seu real significado. Moraes (1999) destaca, que de certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra, pois toda leitura constitui uma interpretação.

Para auxiliar a análise qualitativa, é preciso definir categorias para realizar o estudo. Assim é possível resumir a quantidade de dados, criando uma síntese na forma de análise. Porém, há necessidade de extrair o significado desses dados, através de uma constante recapitulação de tais, para que novos entendimentos possam ser alcançados. Para Moraes (1999):

A categorização é, portanto, uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo.

Para este trabalho, o conteúdo dos dados coletados será dividido em duas categorias pré-determinadas. Essas são:

- a) Texto;
- b) Imagens.

A categoria “Texto” será útil para se entender melhor as ideias construídas e a mensagem que o repórter quer passar em seu texto da reportagem, o qual tem auxílio do editor de texto na redação. Nos casos a serem estudados, a escrita se afirma ainda mais ao passar informação vital a quem assiste o telejornal. Os casos de óbito pelas doenças reforçam a necessidade da informação sobre prevenção perante aos vírus, e os jornalistas entendem isso ao imprimir com força tais mensagens em seus relatos. Além disso, há de se notar o tom dado ao texto em cada matéria analisada. Esses podem acabar invocando o sensacionalismo, aumentando o real valor de uma informação, ou também dar um tom de seriedade que um fato como as pandemias exigem. Aliado a isso, será verificado se houve imparcialidade no texto do repórter, ou se o mesmo invocou o uso da emoção para cativar o telespectador, passando uma impressão de maior proximidade com quem o assiste. É necessário observar também o valor científico agregado ao texto, ao que se refere ao uso de medidas de prevenção recomendadas por órgãos de saúde ou profissionais da área. O trabalho do editor de texto também entrará em análise,

ao identificar se houveram usos de palavras repetidas, frases em desconexo com informações repassadas ou fora de uma ordem lógica dentro do texto.

A segunda categoria - “Imagens” - valida o diferencial da televisão sobre os outros tipos de mídia. O referencial visual é, muitas vezes, um condutor para a reportagem, no que pode mostrar ao telespectador aquilo que nem sempre só as palavras conseguem. A imagem em movimento, como já falado anteriormente, desperta a atenção de quem as vê. Sendo assim, o que é captado pode ser usado de molde para o texto do repórter e acaba influenciando diretamente os rumos e tons que uma matéria pode tomar. Com essa visão sobre as imagens, é necessário analisar a importância que elas têm perante as reportagens do estudo. Como elas conversam com o texto, o que elas querem mostrar e de que forma são captadas, as nuances e simbolismos que podem exercer e de que forma elas aparecem durante a matéria - em concordância com o texto ou não -. Há de se analisar, também, a importância dos enquadramentos feitos pelo cinegrafista e seu posicionamento físico perante o acontecimento, e de que forma suas imagens podem ditar o tom para a matéria. Além disso, o trabalho da edição de imagens se faz importante ao escolher os melhores takes e em que momento os inserir dentro do contexto maior da reportagem, aliado ao texto criado.

No telejornalismo, particularmente, as notícias resultam da combinação de um dizer por meio das palavras e um mostrar por meio de imagens técnicas. Essas duas operações mobilizam regras de funcionamento e materiais significantes próprios, conjugando sistemas semiológicos distintos e aparentemente autônomos. Contudo, as articulações que essas duas operações estabelecem uma com a outra definem a relação notícia/visibilidade. À medida que as notícias são construídas com o objetivo de promover a visualização dos acontecimentos, a sua coerência advém da maneira como são combinados os elementos de cada sistema semiológico, entre si e uns com os outros. Para isso, é mobilizada uma retórica que estabelece relações lógicas entre esses elementos, de modo a construir um todo coerente. (SOUZA LEAL, *et al.*, 2009).

Dito isso, dentro do processo de pesquisa, a análise de conteúdo será o único método utilizado para chegar a uma conclusão, pois ela por si só pode se sustentar para obtenção de respostas, já que “[...] pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação”. (MORAES, 1999).

4.2 OBJETOS DE PESQUISA

Este trabalho tem como objeto de pesquisa as duas primeiras reportagens do Jornal do Almoço sobre mortes ocorridas no Rio Grande do Sul durante cada uma destas duas pandemias. Ambos os óbitos ocorreram depois de certo tempo desde o primeiro caso das doenças no RS, o que levou em consideração para afirmar que o jornalismo da RBS TV já estava a par dos principais fatos das duas pandemias, suas causas, sintomas, letalidades e as devidas prevenções. Faz-se importante avaliar se tais medidas foram inseridas durante as reportagens e se os repórteres estavam inteirados dos assuntos pertinentes às doenças. Para Gutmann (2014, p. 34):

O jornalismo pode ser concebido, grosso modo, como uma instância de mediação cultural através da qual se articulam ações, situações e discursos públicos construídos e reconhecidos enquanto notícia para uma determinada comunidade de sentido que partilha, com a instância de produção, temporalidades e práticas da vida cotidiana.

Para isso, é preciso entender de que forma a informação foi repassada à população. Através da análise de tais reportagens se pode chegar à conclusão de como as notícias veiculadas durante o Jornal do Almoço na época tiveram impacto na vida da sociedade gaúcha da época.

4.2.1 Reportagem sobre primeiro óbito de H1N1 no RS

A reportagem sobre a primeira morte de H1N1 no Rio Grande do Sul foi ao ar no dia 29 de junho de 2009, uma segunda-feira. A matéria tem um total de 3 minutos e 39 segundos. O óbito ocorreu um dia antes, em um domingo, dia que o Jornal do Almoço não vai ao ar. A apresentadora Rosane Marchetti chama a repórter Vanessa Felipe diretamente do local do fato, a cidade de Erechim. A jornalista começa seu ao vivo falando sobre as medidas de prevenção tomadas pela cidade de Erechim, tais como: isolamento social; e encaminhamento para hospitais das pessoas que apresentam sintomas da doença.

Ao voltar para o estúdio, Rosane Marchetti chama a reportagem realizada pela repórter Vanessa e com imagens de Sergio Vieira. A matéria segue o padrão típico estabelecido, com off, passagem e sonora. No primeiro off, são abordadas as

questões referentes ao enterro do paciente com H1N1 e seu histórico, tecendo a narrativa de como ele contraiu a doença e a piora de seu quadro clínico. As imagens dessa parte da reportagem são do enterro da primeira vítima de H1N1 do Estado. Nelas, vemos uma grande aglomeração de pessoas usando máscara em cortejo levando o caixão do homem morto. Em seguida, algumas pessoas se reúnem em volta do caixão e choram. Logo após, o caixão é colocado em uma gaveta funerária.

Em sua passagem, Vanessa diz “A mulher de Vanderlei Vial, que está com a doença, veio ao enterro do marido. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, Erechim tem 8 casos confirmados da nova gripe. Todos são parentes de Vanderlei, mas nenhum está internado porque o estado de saúde deles não é considerado grave”. Em seguida, há uma sonora com o Diretor de Vigilância Epidemiológica da cidade de Erechim, Rafael Ayub, o qual fala sobre o vínculo que as pessoas que contraíram a doença tinham. Essa sonora tem 14 segundos de duração.

Em seu segundo off, Vanessa retoma com imagens do porto seco de Uruguaiana onde funcionários - alguns de máscara - recebem instruções. O lugar intensificou suas ações contra a doença com o uso de máscaras pelos profissionais que têm contato com pessoas vindas da Argentina.

A repórter volta a falar ao vivo relatando que mais de 10 mil estudantes estão sem aulas em Itaqui, na fronteira com a Argentina. O município decretou estado de emergência porque haveria suspeita de 3 casos da doença em pessoas que estiveram na capital do país vizinho, Buenos Aires. Vanessa ainda ressalta, que os eventos públicos da cidade de Itaqui foram cancelados para evitar aglomerações de pessoas.

4.2.2 Reportagem sobre primeiro óbito da COVID-19 no RS

A reportagem sobre a primeira morte da COVID-19 no Rio Grande do Sul foi ao ar no dia 25 de março de 2020, uma quarta-feira. A matéria tem um total de 5 minutos e 37 segundos. O Jornal do Almoço deste dia começa com a apresentadora Cristina Ranzolin chamando o repórter Marco Matos, que fala diretamente do Hospital Moinhos de Vento na capital gaúcha. O jornalista começa seu ao vivo dizendo que entrou em contato com a Secretaria de Saúde de Porto Alegre e que essa confirmou a morte de uma idosa de 91 anos, e que essa pessoa teria tido

contato com outra pessoa também infectada pelo Coronavírus. A mulher teria chegado ao hospital já em estado grave na segunda-feira e veio a óbito na madrugada de quarta-feira. Marco então chama a matéria realizada por seu colega, Samuel Vettori.

A reportagem começa com o off de Samuel informando que o prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan, foi ao Twitter para alertar da primeira morte confirmada da COVID-19 na cidade. Na sequência, o jornalista chama o vídeo em que o prefeito fala sobre como soube do acontecimento, e que ele e seus secretários estavam monitorando a situação de casos na capital gaúcha. Marchezan ressalta que a cidade já estava em processo de contaminação comunitária, onde não se é mais possível saber de onde a pessoa foi infectada. O prefeito diz que já haviam 9 casos em que se houve a necessidade de internação em UTIs, e 26 casos suspeitos em análise. Nelson Marchezan termina seu vídeo retomando o dado da primeira morte em Porto Alegre. Essa sonora do prefeito de Porto Alegre tem a duração de 1 minuto e 5 segundos.

A matéria retoma com a passagem de Samuel Vettori, em que diz: “Marchezan gravou o vídeo de casa, onde segue em quarentena preventiva porque teve contato com os presidentes do Grêmio e do Internacional, que foram diagnosticados com o Coronavírus. A primeira idosa morta pela doença aqui no Rio Grande do Sul estava internada neste hospital particular. Chegou na segunda-feira, em estado grave, e morreu na noite de terça na UTI do hospital”.

Em seguida, no segundo off e com imagens da cidade e pessoas na rua - algumas usando máscaras -, Samuel ressalta que o prefeito Nelson Marchezan pediu aos porto alegrenses que respeitem as medidas adotadas para conter o avanço do vírus. A matéria encerra com mais uma parte do vídeo do prefeito, onde ele usa o exemplo da primeira morte e das pessoas que estão em UTI para que os cidadãos de Porto Alegre sigam de forma mais rigorosa as orientações de isolamento, e principalmente o isolamento das pessoas que possuem mais de 60 anos. Essa segunda fala de Nelson Marchezan tem a duração de 27 segundos.

Marco Matos retorna com a informação de que o prefeito utilizou seu Twitter para avisar que já haviam 8 pessoas curadas da doença na capital gaúcha – 7 homens de idades entre 18 e 68 e 1 mulher de 35 - e reitera o pedido para a população ficar em casa. Marco então aborda como estão sendo os atendimentos realizados em outros hospitais pela cidade. No Hospital Conceição haveria a

montagem de tendas pelo exército para atendimento já na semana posterior. No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, camas começaram a chegar para a montagem dos 105 novos leitos de CTI do hospital, pagos pelo Governo Federal num valor de 57 milhões de reais. Marco relembra uma reportagem que fez na semana anterior, na qual falava sobre as primeiras mudanças causadas pelos decretos feitos pela prefeitura de Porto Alegre, onde houve o fechamento de academias e escolas. O jornalista ressalta a importância de ficar em casa durante este período e que elas se conscientizem sobre o isolamento social.

4.3 ANÁLISE QUANTITATIVA

Baseada na metodologia escolhida se fez o recorte de palavras-chave a serem analisadas durante as reportagens - lembrando que uma reportagem consiste de 5 partes básicas: 1 – cabeça; 2 – off; 3 – boletim; 4 – sonoras; 5 – pé, e assim, será analisada em sua totalidade. Tais vocábulos remetem à tópicos importantes de saúde e de uso frequente em materiais jornalísticos durante crises na área, tais como as pandemias anteriormente citadas.

4.3.1 Reportagem H1N1

Os dados obtidos de palavras-chave citadas através da reportagem sobre o primeiro óbito da H1N1 no Rio Grande do Sul foram os seguintes:

Tabela 1

Prevenção	2 vezes
Isolamento	2 vezes
Morte	3 vezes
Medida	4 vezes
Sintoma	4 vezes
Doença	2 vezes
Casos	6 vezes

Dentro desses números, a contagem da palavra-chave “Casos” é a maior de todas, aparecendo em até o triplo de vezes do que outros termos analisados. Assim, se pode notar a relevância do assunto durante o momento da notícia, já que no mesmo dia do primeiro óbito no Rio Grande do Sul, foram contabilizados 40 novos casos no Estado⁵, o que evidencia o temor causado pela taxa de contágio em alta. De fato, a família da primeira vítima também foi gravemente afetada, sendo que 8 parentes tinham contraído a doença até o dia do enterro.

Com esses resultados, é possível observar também uma tendência em ampliar as informações referentes a cada aspecto da pandemia como um todo, sendo que a média de uso das palavras-chave ficou em 3. Há um nivelamento que busca contemplar cada tópico essencial para o entendimento das questões pertinentes da doença e de sua influência na sociedade.

Há de se notar a relevância também para as palavras-chave “Medida” e “Sintomas”, as quais apareceram repetidas 4 vezes no texto da reportagem. A H1N1 tinha um taxa de transmissão de quase 1% entre pessoas, o dobro da gripe comum⁶. Este dado trouxe alarme à população, a qual não estava preparada para lidar com medidas preventivas mais sérias, tais como: uso de máscara; e distanciamento social. Os sintomas muito parecidos com o vírus influenza comum também preocupavam os órgãos de saúde, pois a H1N1 chegou ao sul do país no inverno, época de maior proliferação da gripe comum, havendo uma maior dificuldade de identificar qual seria realmente o caso em cada paciente.

4.3.2 Reportagem COVID-19

Os dados obtidos de palavras-chave citadas através da reportagem sobre o primeiro óbito da COVID-19 no Rio Grande do Sul foram os seguintes:

⁵ Primeira vítima da gripe no Brasil é enterrada no RS. Disponível em: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1211633-16726.00-PRIMEIRA+VITIMA+DA+GRIPE+NO+BRASIL+E+ EN TERRADA+NO+RS.html>.

⁶ Mesmo considerada baixa, taxa de mortalidade do coronavírus preocupa infectologistas. <https://gauhazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/mesmo-considerada-baixa-taxa-de-mortalidade-do-coronavirus-preocupa-infectologistas-ck7ucgee804tn01pqsx8zoiut.html>

Tabela 2

Prevenção	0 vezes
Isolamento	4 vezes
Morte	10 vezes
Medida	1 vez
Sintoma	1 vez
Doença	1 vez
Casos	3 vezes

Pelos resultados obtidos, se vê uma grande diferença entre os tons de cada reportagem. Na reportagem sobre a COVID-19, há uma ênfase sobre a primeira morte pela doença, com o uso repetido da palavra “morte”. Tal fato fica ainda mais relevante quando se coloca tal informação ao lado das outras palavras-chave, pouquíssimo usado em quase todos os casos. Assim é possível concluir, que há uma opção textual de marcar bem o acontecimento e a relevância que ele tem perante o começo da pandemia no Rio Grande do Sul. Há ainda o uso repetido de palavras em contextos semelhantes no off e na passagem de Samuel Vettori, o qual repete a palavra morte em ambos.

É possível ainda ressaltar o uso da palavra-chave “isolamento”, a qual intensifica a importância de tal ação no combate à doença. A palavra pode ser encontrada durante o vídeo do prefeito Nelson Marchezan, e ainda por mais 2 vezes na entrada ao vivo final do repórter Marco Matos, o qual enfatiza o termo, associando às recomendações médicas outrora faladas. Há de se notar que a palavra “casos” aparece com alguma força, visto que o discurso de Marchezan transparece que há ocorrências sendo verificadas e ainda alguns de pessoas já curadas da doença. Até o dia da primeira morte no Estado, o Rio Grande do Sul já apresentava mais de 23 mil casos da doença⁷, o que alarmava os órgãos de saúde.

⁷ Segundo levantamento do Google. Disponível em: https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F01l_9d&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419.

4.4 ANÁLISE QUALITATIVA

Para esta análise, houve a separação dos dois principais elementos construtivos de uma reportagem para telejornal, texto e imagem. Desta forma, se pode avaliar separadamente a construção destes dois objetos perante cada objeto de pesquisa.

4.4.1 Texto

Ao avaliar as duas reportagens, há de se levar em consideração a construção textual realizada em cada uma delas. Apesar de temas semelhantes, e no final de contas até informações parecidas, cada repórter escolhe seu jeito de repassar tais dados e onde encaixá-los, visto que ambas as reportagens apresentam também um boletim ao vivo contando mais dos fatos.

Na prática profissional e no ensino de telejornalismo costuma-se indicar aos iniciantes que a escolha do uso ou não do boletim está condicionado à seguinte pergunta: o que está sendo dito não pode ser usado em off? Se a resposta for sim, o editor provavelmente cortará o boletim e o transformará em off. Se não, é porque o boletim é necessário e deve fazer parte da reportagem. A escrita da reportagem na televisão depende de uma articulação competente destes elementos e, ainda, de outras regras mais específicas. Esta regra também está ligada a questão da discricção: o repórter não deve aparecer mais do que a matéria, do quem os entrevistados. (EMERIM, 2010, p. 9-10).

Sendo assim, ao analisar a matéria referente à gripe H1N1, podemos perceber que a repórter Vanessa Felipe traz informações em seu ao vivo referente à como a Secretaria de Saúde da cidade de Erechim está tentando prevenir a contaminação de mais pessoas pela doença. Segundo o governo municipal, os indivíduos contaminados estariam sendo levados para uma área hospitalar isolada do restante da população. Em seguida, ela confronta a informação anterior com relatos que a família da vítima, que alegam que nada disso estaria acontecendo. É interessante notar o uso do ponto e contraponto, não favorecendo nenhum dos lados ouvidos, o que é básico do jornalismo, e gerando assim uma imparcialidade sobre as afirmações.

Na reportagem gravada, Vanessa traz um texto que concilia com as imagens captadas, em que fala no começo sobre o funeral da vítima. A jornalista ressalta que

todos os presentes no cemitério fazem uso de máscara. Em seguida, o texto aborda de forma resumida o trajeto da vítima desde que contraiu a doença até o óbito. Na passagem, Vanessa se utiliza do fato da esposa da vítima estar contaminada com a H1N1 e presente no enterro para relacionar ao fato de que todas as pessoas infectadas com o vírus na cidade de Erechim serem parentes do falecido. Há de se notar um pouco de sensacionalismo criado nesse momento por parte da jornalista, tanto no tom de sua fala quanto no texto, os quais ressaltam uma quebra das ações preventivas recomendadas pelos órgãos de saúde. Tal texto pode criar uma sensação ao telespectador de imprudência por parte da família, a qual foi gravemente afetada pela mazela. Porém, há de se ressaltar que entre as medidas de proteção contra a doença, está justamente o uso de máscaras, as quais foram usadas majoritariamente pelos presentes no enterro.

Apesar disso, a reportagem retorna ao tom formal após a passagem. Assim, a jornalista continua com a informação na qual diz que, além dos casos já confirmados, há pacientes sendo monitorados com sintomas da doença. Dessa forma, o texto percorre todos os estágios da enfermidade, do mais grave (o óbito), passando pelos casos confirmados na família, até os suspeitos de terem sido contaminados. Sendo assim, há uma maior fluidez na reportagem, evidenciando o que é o principal fato do momento em que a reportagem foi feita, a primeira morte por H1N1.

Logo após, a reportagem aborda as medidas de prevenção contra a doença. Vanessa evidencia as ações tomadas pelo porto seco de Uruguaiana. Apesar da distância geográfica de Erechim para Uruguaiana serem grandes, a jornalista não escolheu o local aleatoriamente para ser mencionado na matéria. É deste ponto em que muitos caminhoneiros vindos da Argentina ingressam no Brasil, justamente o trajeto que fez a primeira vítima de H1N1. Apesar disso, não há uma citação no texto que reforça essa ideia, deixando ela subentendida para o telespectador. Ao fim da reportagem, Vanessa retorna com o ao vivo, onde informa das suspensões das aulas em Itaqui, cidade que faz divisa com a Argentina, assim mais uma vez costurando a matéria com um mesmo assunto - casos que vieram do país vizinho -, mesmo que não seja esse o principal motivo da reportagem ser construída.

É possível concluir que a jornalista tomou um posicionamento mais sério e centrado para levar a informação ao telespectador, sem levar sua própria emoção

ou outros sentimentos, mesmo em momentos de grande risco como no velório da vítima de H1N1. O texto coeso e de fácil entendimento auxilia a quem assiste a entender a gravidade que a doença traz para os afetados por ela, e ao mesmo tempo informa o que se pode fazer para evitar ser contaminado por tal.

A matéria sobre a primeira morte referente à COVID-19 no Rio Grande do Sul começa diferente da anterior aqui analisada. Logo na cabeça da reportagem, a apresentadora Cristina Ranzolin quebra o padrão dos noticiários, pedindo espaço para manifestar os sentimentos pela vítima e seus familiares e deixando a sua solidariedade em evidência. Assim, já podemos evidenciar uma grande mudança entre as duas reportagens, a última com um cunho de maior proximidade dos que estão sendo afetados pela mazela. Ao passar a palavra para o repórter Marco Matos, esse retorna ao tom mais sério, visto que a informação da morte pede por uma maior austeridade. Seu texto aborda de forma sucinta o que é necessário saber para entender a situação, ou seja, a trajetória da paciente até chegar ao óbito e onde mais no Brasil houve mortes até aquele momento. Logo após, Marco chama a reportagem feita por Samuel Vettori.

De forma rápida e concisa, o jornalista começa a reportagem em off, repetindo a informação da data do óbito, a madrugada de quarta-feira. Em seguida, Samuel retoma algumas palavras que o prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan, escreveu em sua conta no Twitter, que diz lamentar o ocorrido. O repórter passa a palavra para o prefeito, que em vídeo gravado para suas redes sociais, fala mais sobre o acontecimento.

Na passagem da reportagem, Samuel Vettori está na frente do hospital em que faleceu a vítima, e fala que o prefeito de Porto Alegre gravou o vídeo de casa, pois está de quarentena. Ele continua repetindo a informação do começo da matéria e dessa vez acrescentando, que a vítima chegou ao hospital na segunda-feira em estado grave, e contrariando o off do começo da reportagem, Samuel diz que a idosa morreu na noite de terça-feira. Tal discordância entre as informações mostra que não houve devida atenção, tanto do editor de texto quanto do repórter, na hora de concluir a matéria. Neste caso, não é um fato de extrema relevância, pois os horários pouco importam perante o acontecimento maior, que é a morte da primeira vítima da COVID-19 no Estado. Em seu último off da matéria, o jornalista retoma à fala do prefeito da capital gaúcha, o qual pede para os cidadãos de Porto Alegre respeitarem as medidas adotadas para conter o avanço da doença.

Pode-se perceber, neste caso, uma falta de conteúdo que sustente uma reportagem em seu tempo padrão. A matéria apresenta poucos dados, até pelo fato noticioso ser muito recente e haver impossibilidade de falar sobre a vítima em si. Diferentemente da reportagem sobre o óbito de H1N1, na qual aprendemos mais sobre o falecido, seu trajeto, pessoas que contaminou e afins, a matéria de Samuel Vettori não dispõe destes dados, o que gera uma maior impessoalidade referente a idosa morta. Não pode se ver isso como um demérito da notícia produzida, visto que as vítimas da COVID-19 geralmente não tinham seus nomes revelados, e seus funerais eram sempre fechados ao público geral. Porém, a reportagem é baseada quase que por inteiro nas falas do prefeito Nelson Marchezan, o que acaba por atravancar o texto do repórter, que só se pode basear nas informações adquiridas no vídeo postado nas redes sociais do gestor municipal.

Ao retornar da reportagem para o ao vivo, Marco Matos volta a mencionar o prefeito, o qual postou em sua conta do Twitter informações referentes aos casos de pessoas curadas da doença. O jornalista continua seu texto, comentando sobre os hospitais que estão se preparando para receber pessoas com sintomas do vírus, sempre se utilizando da seriedade que tal informação necessita. Em seguida, o repórter abandona a austeridade da notícia, ao lembrar a matéria que fez sobre os decretos da prefeitura impedindo a abertura de escolas, bares, restaurantes e afins. Logo após, com um tom mais ríspido, mas não menos informal em seu texto, Marco reforça a ideia do isolamento social, com as pessoas ficando em casa em quarentena. Pode se considerar a fala do jornalista como um apelo ao telespectador, após ver que a doença realmente tem um potencial de letalidade grande, e com a primeira vítima no Estado sendo noticiada anteriormente.

Ao final desta análise, as diferenças entre os textos ficam bem explícitas entre uma reportagem e outra. Os fatores tecnológicos de cada época certamente contribuem para uma diferença ainda maior, visto que o texto de Samuel Vettori e uma parte do texto de Marcos Matos se baseiam inteiramente nas palavras do prefeito Nelson Marchezan, as quais só foram possíveis graças ao Twitter e ao vídeo postado pelo gestor municipal em suas redes. Os dois jornalistas utilizam desse fator, pois sabem da dificuldade em conseguir dados relevantes para construir uma matéria onde não se há possibilidade de entrevistas com parentes ou similares. Disso também pode se chegar à conclusão do porquê de tantas repetições de informações durante a parte ao vivo e a matéria gravada, a escassez de dados.

Diferentemente disso, a repórter Vanessa Felipe dá um passo além em sua apuração, quando vai ao enterro da vítima para ser testemunha do acontecimento. Assim, a jornalista consegue obter um maior número de informações, e utiliza isso em seu texto, ao confrontar os dados passados pela Secretaria de Saúde de Erechim com os fornecidos pelos familiares do falecido. O fator tecnológico também serve de empurrão para haver uma maior busca pelos fatos, já que não há a mesma facilidade em achar informações de fontes confiáveis para apoiar a reportagem. Além disso, há a chance de captar imagens que deem maior relevância para a matéria em si, ao mesclar o texto com gravações de momentos importantes do enterro.

4.4.2 Imagem

A imagem é um dos elementos fundamentais de uma reportagem para televisão. O visual, aliado as falas do jornalista, criam essa fusão de informações responsáveis por alimentar o pensamento do telespectador.

No telejornalismo, particularmente, as notícias resultam da combinação de um dizer por meio das palavras e um mostrar por meio de imagens técnicas. Essas duas operações mobilizam regras de funcionamento e materiais significantes próprios, conjugando sistemas semiológicos distintos e aparentemente autônomos. Contudo, as articulações que essas duas operações estabelecem uma com a outra definem a relação notícia/visibilidade. À medida que as notícias são construídas com o objetivo de promover a visualização dos acontecimentos, a sua coerência advém da maneira como são combinados os elementos de cada sistema semiológico, entre si e uns com os outros. (SOUZA LEAL *et al.*, 2009, p. 134).

Sendo assim, as imagens captadas para as reportagens analisadas precisam ser tão fortes quanto o texto em si, para realçar o sentimento de urgência e importância do acontecimento.

Começando pela matéria da H1N1, vemos que o posicionamento da repórter Vanessa Felipe em seu ao vivo mantém um fundo neutro, sem grandes chamarizes ou relações com o que será noticiado. Seguindo para a reportagem gravada, a primeira imagem causa impacto ao telespectador, pois mostra o caixão da vítima sendo levado por pessoas com roupa de proteção - incluindo máscara e luvas -, ao que um cortejo segue o esquife, com todos integrantes também portando máscaras. Há de se levar em consideração que não se havia recomendação de uso de

máscaras durante a pandemia de H1N1, o que torna a imagem ainda mais estranha ao olhar leigo do telespectador da época. O texto da repórter é mesclado com as imagens, no qual se aborda o local onde foi realizado o enterro, e que parentes e amigos portavam máscaras durante o ato. Nota-se também um distanciamento do cinegrafista para o acontecimento, o qual garante uma imagem aberta que capte todo fato simultaneamente. A próxima imagem mostra a família da vítima debruçada sobre o caixão, e aqui notamos ainda mais o distanciamento do cinegrafista ao fato, já que esse se utiliza do zoom da câmera para chegar mais perto do acontecimento. À medida que a imagem abre, vemos uma enorme aglomeração em torno do esquife, no que apenas uma pessoa não faz uso de máscara de proteção. Na mesma sequência, e com a imagem já aberta, se faz presente as gavetas funerárias, onde a vítima será colocada. Na próxima imagem, vemos o ataúde sendo conduzido à gaveta em si. Em nenhuma das imagens se faz o uso do tripé da câmera, ao que todas as imagens parecem ter um movimento natural causado pelo seu uso no ombro.

Durante sua passagem, a repórter permanece distante do funeral, com pessoas observando o acontecimento ao seu fundo. Vanessa prefere não utilizar a máscara de proteção para realizar este boletim, a deixando pendurada em seu pescoço enquanto fala ao microfone. Tal ação pode ser bem-vista em termos jornalísticos, já que a repórter se afasta do local até certo ponto que se vê em condições seguras para não usar o equipamento de proteção enquanto dá seu texto para a câmera, evitando assim cobrir seu rosto, o que pode dificultar o entendimento do telespectador perante o fato.

Durante a sonora realizada com Rafael Ayub, há um distanciamento do cinegrafista para o entrevistado e um enquadramento mais fechado, no qual sequer o microfone usado aparece em quadro. Em seguida, há uma imagem de um corredor de hospital com pessoas e profissionais da saúde, nenhum deles usa equipamento de proteção, tais como máscaras e luvas. O plano acaba percorrendo o corredor em direção aos médicos posicionados em um balcão. Na próxima imagem, uma enfermeira anda pelo corredor do hospital carregando uma bandeja com aparatos médicos, a profissional usa uma máscara de proteção. Neste momento, o texto da jornalista menciona o uso de medidas para que novos casos não apareçam.

As imagens e o texto vão para Uruguaiana, onde uma aglomeração de trabalhadores assiste a um pronunciamento sobre medidas de prevenção ao vírus. O

texto da repórter menciona que tais funcionários são obrigados a utilizar máscaras durante o expediente, o que as imagens captadas mostram não ser de total verdade, já que muitos as utilizam de forma indevida, colocando o equipamento de proteção sobre o queixo ou mesmo não utilizando nenhuma. Em seguida, o texto mais uma vez se une à imagem, quando Vanessa fala sobre os caminhões que chegam da Argentina e o plano do cinegrafista reflete isso. Vanessa retorna da reportagem gravada para seu ao vivo no mesmo fundo de antes.

A reportagem do Jornal do Almoço sobre a primeira morte causada pela COVID-19 no Rio Grande do Sul começa com a imagem do repórter Marco Matos em um ao vivo em frente ao hospital onde a vítima faleceu. Tal decisão é importante para contextualizar melhor o lugar do acontecimento, e assim trazer uma sensação de proximidade à notícia.

A matéria gravada do repórter Samuel Vettori inicia com a imagem do mesmo hospital onde Marco Matos realizou o ao vivo, com a diferença de ter sido captada durante a noite em um horário mais perto do falecimento. Logo após, há uma mudança para a imagem da postagem realizada pelo prefeito Nelson Marchezan em seu Twitter. Dessa forma, a fonte da notícia é consolidada, para que não se criem dúvidas de onde essa informação foi retirada. Em seguida, há a exibição do vídeo do prefeito de Porto Alegre, gravado em sua casa.

A passagem de Samuel Vettori acontece na frente do hospital onde a vítima faleceu durante a madrugada. Distante da entrada, o repórter fala seu texto sem usar uma máscara - objeto que ainda não era de uso obrigatório no momento em que a reportagem foi gravada -. Para cobrir o off do jornalista, há uma sequência de imagens cotidianas da cidade de Porto Alegre, pois Samuel fala sobre como o prefeito do município pediu aos cidadãos que respeitassem as medidas de prevenção ao Coronavírus. A primeira imagem desta sequência mostra uma idosa caminhando pela rua de costas para câmera. As lojas ao seu redor estão todas fechadas com os portões abaixados, cumprindo o decreto da prefeitura que determinava o fechamento do comércio na cidade. A segunda imagem mostra outro idoso caminhando com auxílio de muletas, caminhando em frente ao comércio fechado. A terceira imagem mostra uma parada de ônibus no centro de Porto Alegre, onde pessoas sem máscara esperam para embarcar, apesar de não haver aglomerações. A quarta e última imagem da sequência mostra duas mulheres caminhando, ambas usam máscaras de proteção e luvas. Tal imagem é um reflexo

do que viria a ser a normalidade pouco tempo depois, quando em 4 de maio de 2020, foi aprovado o decreto que tornava obrigatório o uso de máscaras pela população nas ruas de Porto Alegre⁸. Porém, há de se considerar que o uso de máscaras era desaconselhado durante tal período, por medo de falta de equipamentos de proteção para profissionais da saúde. O vídeo do prefeito Nelson Marchezan retorna e dá fim à matéria gravada. Marco Matos volta a falar ao vivo da frente do Hospital no mesmo enquadramento de antes.

As duas reportagens mostram em suas imagens mundos jornalísticos bem distantes um do outro. Enquanto o fato da primeira morte por H1N1 ser vastamente captada em imagens durante o funeral da vítima, a matéria sobre a COVID-19 não tem a mesma oportunidade para entregar tais imagens. Se pode concluir que, o impacto causado pela reportagem de 2009 é muito maior ao telespectador, o qual pode se sentir presente no local do acontecimento e ver as consequências reais do que a doença pode causar. Tal impacto some sem uma imagem marcante e que faça a matéria repercutir além daquele espaço de tempo onde é exibida. Assim, a reportagem sobre a morte por COVID-19 pode passar despercebida pelo telespectador, que pode acabar tirando apenas a informação mais básica da matéria - a que houve uma morte pela doença -. Não se pode criticar com tanta força tal reportagem, pois as condições para realizar a captação de imagens são bem diferentes das que ocorreram durante a pandemia de H1N1. A impossibilidade de entrar em hospitais, ir a funerais e afins, dificulta o trabalho do cinegrafista, e até mesmo do repórter, que precisam criar novos modos de preencher uma matéria de telejornal sem todas as peças-chave.

⁸ Câmara aprova uso obrigatório de máscaras em Porto Alegre. Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/c%C3%A2mara-aprova-uso-obrigat%C3%B3rio-de-m%C3%A1scaras-em-porto-alegre-1.418111>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o trabalho da grande mídia televisiva tem impacto sobre nossas vidas diariamente. As notícias veiculadas por este meio de comunicação tem a capacidade de chegar a mais de 68% da população brasileira⁹, o que faz com que a difusão de informação ganhe grande relevância. A análise aqui realizada ajuda a comprovar a importância deste meio quando se fala sobre um assunto tão significativo quanto à saúde pública.

As pandemias aqui retratadas transformaram a vida de muitos, desde os profissionais da área da saúde, dos jornalistas que as cobriram e das pessoas que foram afetadas por elas. A proximidade com a morte faz com que todos repensem suas ações com o intuito de se proteger e também o próximo. Cabe ao jornalismo auxiliar neste caminho, informando a população como se prevenir e até como combater a doença. É notório os esforços realizados pelos veículos midiáticos nesta questão, somando forças para educar a sociedade com os principais tópicos relevantes sobre o assunto.

O Jornal do Almoço é um desses que cumpre seu principal papel, o de repassar informações relevantes para seus telespectadores. Dentro das matérias analisadas, podemos perceber um real sentimento de preocupação com aqueles que assistem de casa, havendo até pedidos explícitos de que os telespectadores se cuidem e sigam as medidas de prevenção. Assim, é criado um distanciamento do padrão jornalístico outrora criado pelos veículos, os quais jamais seriam quebrados mesmo na iminência de assuntos graves como os aqui retratados. O jornalismo aproxima cada vez mais do seu público, e conversa com ele de igual para igual, na intenção de garantir o entendimento total do conteúdo que é realizado pelos jornalistas. Mesmo com a seriedade dos assuntos trazidos, é possível observar uma tentativa de não levar os tópicos para o lado científico, sendo inseridos apenas dados de fácil compreensão do público em geral.

Há de se notar também a vontade de estar presente nos locais dos fatos, mesmo em situações sanitárias perigosas, claramente mostrados quando os jornalistas se dirigem ao enterro da vítima ou se colocam em frente ao hospital onde

⁹ Alcance do rádio e da TV é superior ao de qualquer outro meio de comunicação. Disponível em: <https://www.farcompr.org/alcance-do-radio-e-da-tv-e-superior-ao-de-qualquer-outro-meio-de-comunicao/>.

um óbito ocorreu. Isso torna a notícia ainda mais verossímil, passando uma maior credibilidade ao telespectador. Afinal, o jornalismo é ainda mais verdadeiro quando se pode testemunhar o desenrolar da notícia enquanto ela acontece. As imagens marcantes da família da vítima de H1N1 no sepultamento criam um estímulo visual para o telespectador, o qual vai levar essa informação em conta quando pensar novamente sobre a doença. Da mesma forma, as imagens da matéria sobre a COVID-19 mostram poucas pessoas na rua aliadas ao comércio fechado, o que fortalece a ideia de que não há razão para sair e que o importante é ficar em casa em uma hora como essa. As imagens utilizam do subconsciente de quem as assiste para levar um pouco mais de informação de uma forma não tão óbvia.

O uso de fontes oficiais também está bem presente em ambos os objetos da pesquisa, ilustrado por pessoas que têm domínio do assunto e que passam credibilidade às matérias. As duas reportagens apresentam apenas uma sonora cada, porém tanto o prefeito Nelson Marchezan quanto o diretor de vigilância epidemiológica da cidade de Erechim, Rafael Ayub, mostram ser mais do que aptos a falarem sobre questões envolvendo as doenças, e assim o fazem. Tal escassez de fontes, por assim dizer, não tira o valor de cada reportagem, ao considerar que não seria de bom tom entrevistar familiares das vítimas em uma hora como essa, os quais seriam as outras fontes óbvias para matérias como as analisadas. Porém, podemos perceber o predomínio maior do uso de falas do prefeito de Porto Alegre, com o uso de duas sonoras e um tempo de tela muito superior ao entrevistado da matéria de 2009. O gestor municipal aparece por 1 minuto e 32 segundos em tela, tempo considerado altíssimo para os padrões jornalísticos de uma reportagem convencional. Há de se levar em consideração que tais informações repassadas pelo prefeito poderiam ser muito bem transformadas em off do jornalista e adaptadas ao texto construído por ele, pois não carregam um valor associado à imagem do governante.

Se pode ainda observar a relevância que o assunto morte tomou durante a reportagem sobre a COVID-19. Onde outrora havia uma abrangência de tópicos dentro de uma mesma reportagem, desde medidas de prevenção até os sintomas, não se vê a mesma dimensão para os mesmos temas durante a reportagem de 2020. Houve uma mudança para a consolidação de um objeto único - a morte -, a qual ganha predomínio durante a reportagem quase que por inteira, ao deixar os

outros temas com uma menor incidência. Apesar disso, os formatos noticiosos de ambas as matérias segue o mesmo padrão, sendo iniciadas com um ao vivo para a cabeça, seguido por uma matéria gravada padrão, e terminando com pé durante um ao vivo, ou seja, se pode concluir que não houve mudanças significativas no formato telejornalístico de se noticiar durante o período de 11 anos entre cada reportagem. Houve sim uma mudança no jeito do repórter se comunicar com o telespectador, ao exemplo do repórter Marco Matos, que coloca em seu texto um apelo ao cidadão que assiste em casa. Tal ação evidencia ainda mais a seriedade da situação, pois faz o jornalista quebrar o protocolo jornalístico para falar diretamente com a audiência sobre algo que para ele tem importância, neste caso a saúde dos telespectadores.

Ao final desta pesquisa, é possível concluir, que houve sim mudanças, mesmo que pequenas e pontuais, no jeito que o Jornal do Almoço realiza sua cobertura durante um período pandêmico. O fato da morte, que antes era apenas uma parte de uma matéria, vira o tópico principal da reportagem mais recente, ressaltando ainda mais os riscos e consequências da doença. Porém, há uma tendência ao apelo sentimental quando se assume falar somente sobre um tópico tão polêmico quanto a morte, tornando evidente uma mudança no tom jornalístico. A inserção de falas de fontes importantes, como a do prefeito Nelson Marchezan, salienta ainda mais a importância dos assuntos discutidos na reportagem. Ainda assim, há uma falta de maior diversidade de fontes e opiniões, ainda mais em horas quando as palavras dos profissionais de saúde se tornam de extrema importância para a difusão de ideias sobre prevenção contra as doenças.

Assim, é possível entender que o Jornal do Almoço continua produzindo conteúdo de qualidade e de grande valor para a sociedade gaúcha, levando uma informação apurada e confiável para seu telespectador. No entanto, é inegável notar as mudanças realizadas no jeito do telejornal de informar, alterando seu tom para melhor adaptar aos novos tempos e gostos do público. As variações de uso dos termos analisados entre cada reportagem provam isso, mostrando certa preocupação do jornal em evidenciar certos tópicos e não outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitor; COUTINHO, Iluska. Análise da saúde no telejornalismo público: a temática no Repórter Brasil edição noturna. **Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5wwmyxs>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009. 351 p. (Clássicos da Comunicação Social).

ARAÚJO, Raíssa Ferreira. **Os formatos dos telejornais e a transmissão da notícia**: uma análise sobre o Jornal Nacional e Jornal da Record na Copa do Mundo no Brasil. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Comunicação Social, Jornalismo) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5nxfkst>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo**: A notícia como espetáculo. 2. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2002. 290 p.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica, Volume II**: as técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na tv. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BECKER, Beatriz. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis**, v. 6, n. 2, p. 95-111, nov. 2009. ISSN 1984-6924. doi: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n2p95>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Unicamp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre s televisão**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa, PT: Edições 70, 1987.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **As ciências da Aids e a Aids das ciências**: o discurso médico e a construção da Aids. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo**: Ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique**. Paris: Natan, 1997.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo**: para uma teoria da cidadania. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

COSTA, V. M. T. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. **Culturas Midiáticas**, v. 8, n. 2, 27 dez. 2015.

DA CRUZ, Fábio Souza. A cultura da mídia no Rio Grande do Sul/Brasil: o caso MST e Jornal do Almoço. **Intexto**, [s. l.], ed. 15, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4263>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DE AZEVEDO, Ana Paula Florêncio Margarido. **O jornalismo na saúde**: uma visão transcontinental. 2009. Dissertação de Mestrado (Ciências da Comunicação Área de Especialização em Informação e Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, [S. l.], 2009. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10845/1/Mestrado_AnaAzevedo.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

DE CARVALHO, Carlos Alberto. Narrativa jornalística e memória: a cobertura noticiosa dos 30 anos de aparição pública da Aids. **Líbero**, [s. l.], v. 15, ed. 30, p. 105-118, 2012. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/273>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DE FARIAS, Eduardo Alexandre. O Diagnóstico da notícia: O jornalismo científico e seus pioneiros por meio do noticiário da gripe. **NP Comunicação Científica e Ambiental**, [s. l.], 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1283-1.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DE OLIVEIRA, Erivam Moraes. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. **BOCC**, [s. l.], 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DE REZENDE, Guilherme Jorge. Retrospectiva do telejornalismo brasileiro. **Comunicação & Sociedade**, [s. l.], ed. 31, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7888>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DELGADO, Maikon Augusto. Dos irmãos Lumiere a Pathé e Gaumont. **Revista Vernáculo**, [s. l.], n. 5, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/18464>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; DE ARAÚJO, Juliano José. Telejornal: a construção da notícia no texto sincrético. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, [s. l.], v. 3, ed. 2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/585#:~:text=O%20telejornal%20caracteriza%2Dse%20como,em%20toda%20a%20sua%20totalidade> . Acesso em: 17 nov. 2020.

EMERIM, Cárlica. O texto na reportagem de televisão. GP Telejornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, [s. l.], 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/9708590/O_texto_na_reportagem_de_televis%C3%A3o . Acesso em: 17 nov. 2020.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. 2012. 510f. Tese (Pós Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

HOHLFELDT, A. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista FAMECOS**, v. 4, n. 7, p. 42-51, 9 abr. 2008.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000100025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2020.

MARSHALL, Thomas. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Eduardo. **Manual de redação e estilo: o Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf> . Acesso em: 17 nov. 2020.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?: Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 190 p.

PEREIRA, Soraya Fonseca Pinheiro. **Jornalismo televisivo, mito e narrativa**. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008

SÁ BARRETO, V. Comunidades midiáticas e culturas: as interrelações dialógicas na produção dos telejornais da Globo NETV e Jornal do Almoço. **Mediaciones Sociales**, 277-296, 2009.

SANTANA, Bernadete Coelho de Sousa; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Televisão e Saúde: os temas ligados à qualidade de vida no telejornal J.A. primeira edição da TV Anhanguera. **Panorama**, [s. l.], v. 4, ed. 1, 2014. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/3459>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SCHWARTZ, Tony. **Mídia: o segundo Deus**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985..

TAROUCO, Cristiano. **O movimento promocional no telejornalismo**: estratégias discursivas da RBS TV no Jornal do Almoço. Dissertação (Mestrado no curso de Comunicação Midiática) - Universidade de Santa Maria, 2012.

TONDO, Rômulo *et al.* **Espetacularização e sensacionalismo**: reflexões Sobre o jornalismo televisivo. 2009. 11 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. 145 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

XAVIER, Caco. Mídia e saúde, saúde na mídia. **Caderno Mídia e Saúde Pública**, [s. l.], p. 43-55, 2006. Disponível em: http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno_midia_e_saude_publica.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

ANEXO A

Laudas – Reportagem sobre a H1n1

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 04/04/2016		TEMPO: 1'34

ASSUNTO: VIVO – MORTE H1N1 ERECHIM

VV ESTÚDIO

(**ROSANE**)

A REPÓRTER VANESSA FELIPPE, EM ERECHIM, CIDADE DE ONDE ERA A VÍTIMA QUE MORREU NESSE DOMINGO./ VANESSA, QUAIS AS MEDIDAS ADOTADAS EM ERECHIM DEPOIS DESSA MORTE?./ BOA TARDE.//

SOM EXTERNA

(**VANESSA**)

GC: VANESSA FELIPPE
Erechim

OLÁ, ROSANE, BOA TARDE./ OLHA SÓ, EM RELAÇÃO AS MEDIDAS DE PREVENÇÃO, A SECRETÁRIA MUNICIPAL DE SAÚDE INFORMOU QUE NÃO HOVE GRANDES MUDANÇAS PORQUE ELAS JÁ VINHAM SENDO TOMADAS ANTES DA MORTE DO CAMINHONEIRO./ SÃO MEDIDAS COMO POR EXEMPLO, MANTEREM ISOLADAS, MANTER EM ISOLAMENTO DOMICILIAR E RESPIRATÓRIO, OU SEJA, EM CASA, E COM AS MÁSCARAS, TODAS AS PESSOAS QUE TIVERAM CONTATO AÍ COM A VÍTIMA, QUE ACABOU MORRENDO ONTEM./ OUTRA MEDIDA É ENCAMINHAR LÁ NOS HOSPITAIS, AQUI NOS HOSPITAIS DE ERECHIM

TARJA: Erechim

PARA UM SETOR ESPECIAL AS PESSOAS QUE CHEGAM COM O SINTOMA DA DOENÇA, PARA QUE ELAS NÃO ENTREM EM CONTATO COM OS OUTROS PACIENTES./ ESSE É O LADO, É A VERSÃO DA SECRETARIA, MAS A GENTE FICOU SABENDO DE HISTÓRIAS, DE DEPOIMENTOS, PRINCIPALMENTE DE FAMILIARES DO VANDERLEI, DE QUE O ATENDIMENTO NÃO SERIA BEM ASSIM./ SERIA MUITO RÁPIDO O EXAME, MUITO BREVE E SERIAM ENTÃO MANDADAS EMBORA, DE VOLTA PRA CASA.//

VOLTA ESTÚDIO

(**ROSANE**)

AÍ É BASTANTE COMPLICADO.//

SOM EXTERNA

(**VANESSA**)

É, DAÍ COMPLICA UM POUCO./ COMO EU FALEI, A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE INFORMOU QUE SEGUE E ESTÁ CUMPRINDO AS NORMAS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, DE ATENDIMENTO, DE MANTER OS CASOS SUSPEITOS ISOLADOS E DE EVITAR O CONTATO DOS PACIENTES QUE CHEGAM COM SINTOMAS NOS

<p style="text-align: center;">RODA VT TEMPO: 1'30</p>	<p style="text-align: center;">HOSPITAIS COM OUTROS PACIENTES, QUE NÃO TERIAM NADA A VER COM A NOVA GRIPE.//</p> <p style="text-align: center;">VOLTA ESTÚDIO</p> <p style="text-align: center;">(**ROSANE**) TA CERTO, VANESSA./ VAMOS CONFERIR ENTÃO A REPORTAGEM.//</p> <p style="text-align: center;">RODA SOM DE VT</p> <p style="text-align: center;">DEIXA FINAL: DA ARGENTINA E DO CHILE.//</p>
---	---

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 04/04/2016	TEMPO: 1'30	

ASSUNTO: VT – MORTE H1N1 ERECHIM

imagens
SERGIO VIEIRA

GC: VANESSA FELIPPE
Erechim

OFF1

O ENTERRO FOI POR VOLTA DAS DEZ DA MANHÃ NO CEMITÉRIO MUNICIPAL PIO DOZE./ PARENTES E AMIGOS FORAM SE DESPEDIR, A MAIORIA USANDO MÁSCARAS./ VANDERLEI VIAL ERA CAMINHONEIRO, E CONTRAI A NOVA GRIPE DURANTE UMA VIAGEM ATÉ A ARGENTINA, QUANDO COMEÇOU A APRESENTAR OS SINTOMAS./ ELE PROCUROU ATENDIMENTO MÉDICO CINCO DIAS DEPOIS, QUANDO JÁ ESTAVA EM ERECHIM./ O PACIENTE FOI TRANSFERIDO PARA PASSO FUNDO, MAS TEVE COMPLICAÇÕES E MORREU ONTEM.//

PASSAGEM

A MULHER DE VANDERLEI VIAL, QUE ESTÁ COM A DOENÇA, VEIO AO ENTERRO DO MARIDO./ SEGUNDO A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, ERECHIM TEM OITO CASOS CONFIRMADOS DA NOVA GRIPE, TODOS SÃO PARENTES DE VANDERLEI, MAS NENHUM ESTÁ INTERNADO, PORQUE O ESTADO DE SAÚDE DELES NÃO É CONSIDERADO

<p data-bbox="229 450 740 539">GC: RAFEL AYUB diretor de Vigilância Epidemiológica</p> <p data-bbox="405 1496 572 1585">TARJA Uruguiana</p>	<p data-bbox="1031 228 1171 259">GRAVE.//</p> <p data-bbox="1018 396 1182 427">SONORA 1</p> <p data-bbox="802 450 1402 920">A GENTE TEM QUE CONSIDERAR COMO CASO CONFIRMADO TODAS AS PESSOAS QUE TIVERAM SINTOMAS E TIVERAM O QUE A GENTE CHAMA DE VÍNCULO EPIDEMIOLÓGICO./ O VINCULO EPIDEMIOLÓGICO É, TER TIDO CONTATO PRÓXIMO COM ALGUÉM QUE VEIO DE UMA REGIÃO AFETADA.//</p> <p data-bbox="1054 1057 1145 1088">OFF 2</p> <p data-bbox="802 1111 1402 2018">ALÉM DOS CASOS CONFIRMADOS, OUTRAS TRINTA E CINCO PESSOAS ESTÃO SENDO MONITORAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE./ SÃO MEDIDAS PARA EVITAR QUE NOVOS CASOS APAREÇAM./ AS AÇÕES DE PREVENÇÃO A DOENÇA TAMBÉM FORAM INTENSIFICADAS NO PORTO SECO DE URUGUAIANA./ OS FUNCIONÁRIOS SÃO ORIENTADOS A USAR MÁSCARAS DURANTE CONTATO COM QUEM CHEGA DAS ÁREAS DE RISCO./ PELO MENOS NOVENTA E CINCO POR CENTO DOS QUATROCENTOS CAMINHÕES QUE PASSAM POR LÁ DIARIAMENTE, VEM DA ARGENTINA OU DO CHILE.//</p>
---	---

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 04/04/2016	TEMPO: 40'	
ASSUNTO: LAPA – ITAQUI H1N1		
TARJA Erechim	<p>SOM EXTERNA (**VANESSA**)</p> <p>E MAIS DE DEZ MIL ESTUDANTES ESTÃO SEM AULA EM ITAQUI, NA FRONTEIRA COM A ARGENTINA./ AS VINTE E SETE ESCOLAS DA CIDADE SUSPERAM AS AULAS./ O MUNICÍPIO DECRETOU SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA NO SÁBADO PORQUE HÁ SUSPEITA DE TRÊS CASOS DE PESSOAS QUE TIVERAM EM BUENOS AIRES./ TAMBÉM FORAM CANCELADOS EVENTOS PÚBLICOS PARA EVITAR AGLOMERAÇÕES DE PESSOAS./ A SECRETARIA DE SAÚDE ESTÁ MONITORANDO QUEM ENTRA NO PAÍS PELO PORTO./ ROSANE.//</p> <p>VOLTA ESTÚDIO</p> <p>(**ROSANE**)</p> <p>OK./ OBRIGADA VANESSA.//</p>	

ANEXO B

Laudas – Reportagem sobre a Covid-19

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 25/03/2020		TEMPO: 1'28

ASSUNTO: VIVO – MORTE COVID-19 PORTO ALEGRE

VV ESTÚDIO

TARJA

PRIMEIRA MORTE POR COVID-19 NO
RS

TARJA
PORTO ALEGRE

(**CRISTINA RANZOLIN**)

VAMOS DIRETO CONVERSAR COM O REÓRTER MARCO MATOS, ELE ESTA NA FRENTE DO HOSPITAL ONDE ACONTECEU A PRIMEIRA MORTE POR CORONAVÍRUS NO ESTADO./ ESSA MORTE ACONTECEU EM PORTO ALEGRE, A VÍTIMA É UMA SENHORA DE NOVENTA E UM ANOS, MAIS UMA VEZ AQUI, QUEREMOS MANIFESTAR OS NOSOSS SENTIMENTOS A TODA FAMÍLIA, E TODAS AS PESSOAS QUE ESTÃO AÍ COM FAMILIARES INTERNADOS./ A GENTE SABE QUE ESSE É UM MOMENTO MUITO DIFÍCIL, AQUI A NOSSA SOLIDARIEDADE./ MARCO, O QUE QUE SE SABE DESSE CASO ATÉ AGORA?//

SOM EXTERNA

(**MARCO MATOS**)

ENTÃO, CRISTINA, ACABEI DE CONFIRMAR COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE QUE ESSA IDOSA, DE 91 ANOS, FOI A PRIMEIRA PESSOA MORTA POR CORONAVÍRUS AQUI NO RIO GRANDE DO SUL./ ELA TEVE CONTATO COM OUTRA

<p>TARJA QR CODE CORONAVÍRUS: RS TEM A PRIMEIRA MORTE CONFIRMADA baixe o app e aponte a câmera do celular para ler</p> <p>RODA VT</p> <p>TEMPO DE VT: 2'14</p>	<p>PESSOAS QUE JÁ HAVIA SIDO DIAGNOSTICADA COM COVID-19./ ELA CHEGOU AO HOSPITAL NA SEGUNDA- FEIRA, DE ACORDO COM A EQUIPE MÉDICA, JÁ EM UM ESTADO GRAVE, FOI INTERNADA E ONTEM A NOITE ACABOU FALECENDO./ ESSE CASO FOI O PRIMEIRO AQUI NO ESTADO, LEMBRANDO QUE NO BRASIL, HÁ REGISTROS DE MORTES EM SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, EM PORTO ALEGRE, E TAMBÉM EM MANAUS./ ESSE CASO, COM CERTEZA, DEIXOU MUITAS PESSOAS ASSUSTADAS, PELA QUESTÃO DO CORONAVÍRUS, MAS O SAMUEL FEZ UM REPORTAGEM, VEIO AQUI NO HSOPITAL ONTEM A NOITE, E TAMBÉM OUVIU O PREFEITO DA CIDADE QUE DEU INFORMAÇÕES IMPORTANTES, NÉ, SOBRE CONFINAMENTO, SOBRE A NECESSIDADE DE FICAR DENTRO DE CASA.//</p> <p>RODA SOM VT</p> <p>D.F: UMA ESCOLHA PELA VIDA.//</p>
---	--

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 25/03/2020		TEMPO: 2'14

ASSUNTO: VT – MORTE COVID-19 PORTO ALEGRE

ARTE PUXADO TWITTER PREFIETO
MARCHEZAN: Faleceu a primeira
paciente Covid positivo de 91 anos que
estava na UTI. Lamentamos muito

GC: NELSON MARCHEZAN JR
Prefeito de Porto Alegre

OFF1

A MORTE OCORREU NO INÍCIO
DESSA QUARTA-FEIRA./ NESTA REDE
SOCIAL, O PREFEITO NELSON
MARCHEZAN ANUNCINOU O
PRIMEIRO CASO E LAMENTOU A
PERDA, LOGO DEPOIS, ELE GRAVOU
ESSE VÍDEO.//

(**SOM VÍDEO PREFEITO**)

É COM MUITO PESAR QUE AO
TÉRMINO DA NOSSA REUNIÃO COM A
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE,
A MEIA-NOITE DE TERÇA PARA
QUARTA, NÓS FOMOS INFORMADOS
DE QUE HOVE O PRIMEIRO ÓBITO
EM PORTO ALEGRE EM VIRTUDE DO
CORONAVIRUS, DE UMA PESSOA DE
91 ANOS./ NÓS AO LONGO DAS
ÚLTIMAS SEMANAS ESTÁVAMOS
CONTABILIZANDO E MONITORANDO O
AVANÇO DA DOENÇA NA CIDADE
ATRAVES DO NÚMERO DE PESSOAS
CONTAMINADAS./ NESSA REUNIÃO
NÓS COMENTÁVAMOS QUE
CHEGAMOS A UM TRISTE PATAMAR,
ONDE DERÍAMOS CONTABILIZAR A
EVOLUÇÃO DO VÍRUS JÁ QUE TAMOS
NA CONTAMINAÇÃO COMUNITÁRIA./
PELO NÚMERO DE PESSOAS NA UTI,

<p>GC: SAMUEL VETTORI Porto Alegre</p>	<p>NÓS TINHAMOS NOVE PESSOAS NA UTI CONFIRMADAS COM O VÍRUS E VINTE E SEIS COM SUSPEITA, EM ANÁLISE PARA VERIFICAR SE ESTÃO OU NÃO CONFIRMADAS./ ENTÃO, A PARTIR DE HOJE, NÓS TEMOS O PRIMEIRO ÓBITO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE E É MAIS UM NÚMEOR QUE PASSA A FAZER PARTE DO NOSSO ACOMPANHAMENTO DA EVOLUÇÃO DO VÍRUS.//</p> <p>(**PASSAGEM**)</p> <p>MARCHEZAN GRAVOU O VÍDEO DE CASA, ONDE SEGUE EM QUARENTENA PREVENTIVA PORQUE TEVE CONTATO COM OS PRESIDENTES DO GRÊMIO E DO INTERNACIONAL, QUE FORAM DIAGNOSTICADOS COM CORONAVÍRUS./ A PRIMEIRA IDOSA MORTA PELA DOENÇA AQUI NO RIO GRANDE DO SUL, ESTAVA INTERNADA NESTE HOSPITAL PARTICULAR./ CHEGOU NA SEGUNDA-FEIRA, EM ESTADO GRAVE, E MORREU NA NOITE DE TERÇA, NA UTI DO HSOPITAL.//</p> <p>OFF 2</p> <p>O PREFEITO PEDIU QUE OS PORTO-</p>
--	---

ALEGRENSES RESPEITEM AS
MEDIDAS ADOTADAS PARA CONTER
OS AVANÇOS DA DOENÇA NA
CAPITAL.//

(**VOLTA VÍDEO PREFEITO**)
QUE A TRISTEZA DESSA PRIMEIRA
MORTE, E DAS FAMÍLIAS DAS
PESSOAS QUE ESTÃO NA UTI, SIRVA
AQUI DE REFERÊNCIA PARA OS
PORTO-ALEGRENSES E ELES
SIGAM, AINDA, DE FORMA MAIS
FIRME E COM MAIS CONVICÇÃO A
ORIENTAÇÃO DO ISOLAMENTO E,
MUITO ESPECIALMENTE, O
ISOLAMENTO DAQUELAS PESSOAS
QUE TEM MAIS DE SESSENTA ANOS,
POR UMA ESCOLHA PELA VIDA.//

JORNAL DO ALMOÇO		
DATA: 25/03/2020		TEMPO: 2'24

ASSUNTO: VOLTA VIVO – MORTE COVID-19 PORTO ALEGRE

<p style="text-align: center;">TARJA QR CODE</p> <p style="text-align: center;">CORONAVÍRUS: SAIBA COMO ESTÁ A SITUAÇÃO NO RS</p> <p style="text-align: center;">baixe o app e aponte a câmera do celular para ler</p> <p style="text-align: center;">ARTE PUXADO TWEET PREFEITO</p> <p>8 pessoas estão curadas do Coronavírus em Porto Alegre. São 7 homens de idades entre 18 e 68 anos, e uma mulher de 35. Ainda assim é importante que as pessoas permaneçam em casa, saindo apenas para atividades essenciais.</p>	<p style="text-align: center;">SOM EXTERNA</p> <p style="text-align: center;">(**MARCO MATOS**)</p> <p>E AGORA HÁ POUCO, POR UMA REDE SOCIAL, A GENTE TEM, INCLUSIVE, IMAGENS PARA MOSTRAR PARA VOCÊS, O PREFEITO DE PORTO ALEGRE NELSON MARCHEZAN JÚNIOR DISSE QUE OITO PESSOAS JÁ FORAM CURADAS DA COVID-19 AQUI EM PORTO ALEGRE, ERAM HOMENS COM IDADES ENTRE 18 E 68 ANOS, E AINDA UMA MULHER DE 35 ANOS DE IDADE./ ELE AINDA APROVEITOU TAMBÉM PARA PEDIR QUE AS PESSOAS FIQUEM EM CASA, PERMANEÇAM EM ISOLAMENTO, JUSTAMENTE PARA ACHATAR ESSA CURVA DE AVANÇO DA COVID-19 AQUI NA CAPITAL./ TEMOS TAMBÉM INFORMAÇÕES DE COMO ESTÁ SENDO PREPARADO O ATENDIMENTO EM OUTROS HOSPITAIS AQUI DE PORTO ALEGRE./ PERTO DO HOSPITAL CONCEIÇÃO, NA SEMANA QUE VEM, COMEÇAM AS MONTAGENS DE TENDAS, SÃO SEIS TENDAS, QUE SERÃO FEITAS PELO COMANDO MILITAR AQUI DO SUL, ENTÃO FEITAS PELO EXÉRCITO./ O</p>
--	---

	<p>LOCAL VAI SERVIR PARA TRIAGEM DE PESSOAS QUE TIVEREM SINTOMAS DA COVID-19./ ALÉM DISSO, NO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE, ONTEM COMEÇARAM A CHEGAR AS PRIMEIRAS CAMAS QUE VÃO SER UTILIZADAS PARA MONTAGEM DOS CENTO E CINCO NOVOS LEITOS QUE FORAM ANUNCIADOS PELO GOVERNO FEDERAL NO INÍCIO DO MÊS COM A LIBERAÇÃO DE CINQUENTA E SETE MILHÕES DE REAIS./ SÃO LEITOS DE CTI, OU SEJA, DE TRATAMENTO INTENSIVO QUE SERÃO IMPORTANTES PARA O COMBATE DESSA DOENÇA AQUI NO RIO GRANDE DO SUL./ LEMBRANDO A TODOS QUE, NA SEMANA PASSADA, INCLUSIVE NA QUARTA-FEIRA DA SEMANA PASSADA, A GENTE FEZ UMA REPORTAGEM COM AS PRIMEIRAS MUDANÇAS AQUI EM PORTO ALEGRE COM OS DECRETOS. A PREFEITURA JÁ COM O FECHAMENTO DE ACADEMIAS, E TUDO MAIS, AO LONGO DA SEMANA PASSADA, NA QUINTA-FEIRA DA SEMANA PASSADA AS ESCOLAS TAMBÉM FECHARAM./ É UM AVANÇO QUE A GENTE VEM PERCEBENDO, HOJE PORTO ALEGRE ESTÁ TOTALMENTE FECHADA, O</p>
--	---

	<p>COMÉRCIO ESTÁ TOTALMENTE FECHADO, E É IMPORTANTE QUE PERMANEÇA ASSIM, QUE AS PESSOAS FIQUEM EM CASA, SE COSCIENTIZEM./ NÓS OUVIMOS TANTOS MÉDICOS, TANTOS ESPECIALISTAS AQUI NO JORNAL DO ALMOÇO NOS ULTIMOS DIAS E TODOS SÃO UNANIMES EM DIZER SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ISOLAMENTO SOCIAL, CRISTINA.//</p>
--	--